

DOIS CAPÍTULOS INÉDITOS

AIRTON UCHOA NETO¹

O grande realista é aquele que consegue mostrar que o conceito de verossimilhança de uma determinada época entrou em colapso. A dificuldade dos seus contemporâneos pode não se dever apenas à incompreensão, mas à dificuldade de aceitar o novo, pois a verossimilhança é a base moral primeira de uma civilização. Pretendi mostrar isso de forma teórica, mas preferi mostrar meu próprio trabalho e minha busca. Com meu livro de estreia, Crônica da província em chamas, busquei a alma daquilo que todo historiador digno de nome deve conhecer, e não se trata de fatos. Com o laborioso Tænia solium revisitada tive que buscar o cerne daquilo que chamam de arqueologia (e não se trata de passado e vestígio dos mortos). São dois desses capítulos inéditos que seguem. Como se tratam de primeiras versões em bruto, o leitor há de perdoar eventuais distrações na sintaxe e certos erros de digitação. São partes da verdade que serão limadas em breve.

¹ Escritor vivo.

Capítulo trinta e cinco ou quatro. Arbeit macht frei

*E, interpelado por Deus, disse Caim: "O senhor não queria carne?"
(Gênesis 4:9)*

Porcos são os conhecidos hospedeiros da tênia solium. As outras espécies de tênia são ainda mais raras. E encontrar o verme hospedado em bovinos, quase impossível, dada a higienização indiscreta que impuseram a todas as coisas ("não é mais possível ser natural, e a própria vida pode ser que não pudesse sobreviver às regras que lhe impuseram, mas é em nome disso que as exceções forçadas na ilegalidade são tão toleradas", escreveria o fabuloso dr. Porras no seu célebre artigo sobre os Manifestos Cruéis impressos na Paraíba em folhetos de cordel em prosa). Mesmo no gado suíno a ocorrência não era tão grande quanto em eras antigas, de podridões seculares. O fato é que levado por todas as dificuldades Mautus acabou se tornando pecuarista quase profissional, piscicultor amador e especialista prático em vermes. Acontece também que um tipo estranho, tão raro que nem se sabia se acabava de aparecer, por mutação, ou se já estava perto de se extinguir, um tipo ainda bem pouco estudado de tênia foi descoberto nos intestinos de enguias dos pântanos da Flórida. Mautus mandou construir um tanque pra criação e enfrentou as dificuldades inerentes ao contrabando de animais da fauna estrangeira: a notícia aguçara sua curiosidade científica e sua intuição comercial. (As experiências de Mautus, nesse sentido, eram mais antigas, mas a descoberta de espécimes de outros locais fez com que sua mente se iluminasse. Como Mautus temia que a domesticação da tênia fizesse com que suas propriedades primárias se perdessem, ele ia buscar novos espécimes na origem a mais remota possível. Ele temia também que a endogamia constante, embora facilitasse o rastreamento genético e as características de cada indivíduo, acabasse degenerando a sua cultura.) Em compensação, encontrar entre as enguias uma que estivesse infectada não era garantido; na verdade, era bastante improvável. Pois nem mesmo os cientistas que começaram a discutir e publicar sobre o assunto entendiam como uma tênia, que em geral usa mamíferos como hospedeiros, conseguira se instalar nas entranhas de um peixe. Pior: o verme, cujos ovos na variante original tendiam a causar dupla personalidade ao se instalar no sistema nervoso e no cérebro, via corrente sanguínea, desenvolvera

uma mutação estranha que redundara numa variante brutal e corrosiva de cisticercose: o paciente humano infectado podia desenvolver de quatro a oito personalidades paralelas, sendo que duas ou três podiam tentar se manifestar de uma vez só, o que levava a estados extremos de confusão e corrosão mental. A teoria de Mautus era, a princípio, semelhante à de um grupo de biólogos e infectologistas: as enguias teriam devorado o cadáver de um porco contaminado que fora parar no pântano de alguma forma. A rapidez com que a tênia teria conseguido se adaptar, em compensação, constrangia os especialistas. Alguns outros, a partir dessa evidência contraditória, defendiam que a mutação tinha sido natural e demorada, e talvez já fosse bastante antiga, mas permanecera isolada num foco, e permanecera conseqüentemente tão rara que só agora, pelo acidente de uma pobre família de desempregados hereditários precisar procurar a subsistência na lama, pudera ser descoberta. “Talvez a doença já tenha se manifestado em humanos”, opinou o dr. Krobach Mair III. “Mas, numa época remota, pode ter sido confundida com vudu ou possessão demoníaca.” Mautus, por sua vez, apostava no poder de mutação inusitadamente rápido do parasita, contava mesmo com isso. E, assim, naquela época nefasta, começaram as suas novas experiências.

É arriscado dizer quantos espíritos temos ou em quantos diferentes um mesmo espírito pode se dividir a um só tempo. Talvez, como mais ou menos se acredita e se difunde nos Andes, haja um espírito responsável pelas peregrinações noturnas e a vida dos sonhos e um outro que se encarrega da inteligência, dos conhecimentos acumulados e da vida consciente. Mas essa ideia instintiva e arquetípica de divisão, ou mais apropriadamente de multiplicação, não precisaria parar. Os números, esses números, poderiam aumentar indefinidamente e sem se relacionar de forma direta com parâmetros reconhecidamente lógicos. Mautus, que tivera sua primeira grande ideia e iniciou o que ele mesmo (mas quase ninguém além dele) considerava sua carreira de filósofo, ao se curar de uma infecção semelhante, gostava de pensar que a dupla personalidade provocada por um verme, que, no popular, ironicamente se chama solitária, não se devia apenas ao ataque que os ovos da criatura empreendiam contra o cérebro para ali se instalar; ele acreditava que o enfraquecimento conseqüente do consciente fazia despertar personalidades ocultas que sempre estiveram dormentes, sob vigília. Quando soube que uma variante mais potente do verme poderia desencadear um número ainda maior de personalidades conflitantes, Mautus teve a intuição de que sua ideia inicial, já experimentada na sua própria carne, quando ele mesmo esteve doente, estava

mais do que correta e comprovada.

Mautus continuou a agir, mas agora através de tentáculos fantasmas. Seus viciados mais crônicos, usuários da cisticercodina, popularmente conhecida como cordinha, que o próprio Mautus sintetizava da ténia solium tradicional e traficava; esses viciados, que precisavam ser trocados mais ou menos a cada três meses, pois morriam bem rápido depois de chegar ao que chamam por aí de ponto sem retorno, começaram a distribuir, por ele, seus refugos nos cantos estratégicos de Fortaleza. Se sabe que o contato entre usuários e traficantes pode ser bastante rápido (e, para nós, pós-civilizados e pós-modernos, é incrível que já se tenha negociado maconha desse modo furtivo), quase sem palavras ou em silêncio mesmo, através de poucos gestos ágeis e discretos, mas de significado bastante preciso e comunicativo. Entre os usuários de Mautus e os canais imantados que Mautus espalhara na rua, usuários em nível ultrassuicida, dizem que a coisa era ainda mais estranha. As criaturas pareciam se comunicar de forma telepática, pois não trocavam absolutamente nenhuma palavra ou sinal e nem sequer se olhavam nos olhos; talvez nem se conhecessem ou não fossem mais capazes de se reconhecer a partir do passado remoto anterior à cordinha em que eventualmente tivessem se conhecido. Se comunicavam, como mariposas, através de feromônios que os outros animais não sentiam, não captavam e jamais seriam capazes de interpretar da maneira correta.

Também se diz que o sinistro sr. Novilhos, o mais crepuscular, inusitado e espectral de todos os cafetões da sociedade alencarina, se utilizava da cordinha pra prender a si suas *meninas* decrépitas. Entre ele e elas não havia nenhuma relação afetiva e nenhum contato de caráter sexual; ele era apenas o canal mais fácil pra uma substância estranha que ele mesmo induzira as meninas a usar. As histórias que se contavam sobre ele eram pavorosas, o que, num tempo pavoroso como aquele, mas ainda mais brando do que aquele que estava por vir, chama a atenção de todos os públicos e delícia das formas mais variadas: “porca literatura que acompanha toda virtude emoldurada, suplício estético dos pobres”. Para toda época cruel sempre chega o ponto terrível em que a própria crueldade começa a distrair. Quando os tempos piorassem ninguém mais seria capaz de contar histórias e ninguém ia querer ouvir mais nada, e até os horrores do passado recente seriam cinicamente esquecidos. Mas, por enquanto, as histórias sobre o sr. Novilhos eram ansiadas, divulgadas e acrescentadas de detalhes ausentes na versão original que ninguém sabe quem

contou. A polícia perseguia pistas incertas; a imprensa tinha que lidar com o pouco que conseguia sobre o caso pra abastecer a ração diária dos seus leitores. Mas a verdade é que ninguém sabia dizer ao certo com certeza quem eram e se realmente existiam, no duro, esse sr. Novilhos e seu curioso assistente, um menino de rua chamado Lhagalhá que só conseguia agir depois de anunciar, em terceira pessoa, o que ele mesmo faria ou poderia fazer na sequência. (Lhagalhá, do aramaico, o infante que prefere o chão mesmo depois de chamado, aproveitava despidamente cada migalha, e até acho que era feliz, embora perigosamente.) Putas viciadas em estado crônico, que era como ele, o sr. Novilhos, precisava delas, por mais descartáveis que acabassem se tornando (mas ele, se era mesmo ele, não dava a mínima pra isso, se confiando no estoque sempre renovável), foram chamadas a depor enquanto eram tratadas em hospitais do SUS. Mas os investigadores e os homens da imprensa ficavam ainda mais confusos. Em estágios avançados do vício e sobretudo em crises agudas de abstinência, mesmo sendo sinceros, os espécimes não eram capazes de dar nenhuma informação confiável, pelo menos não sobre o tempo presente em que vivem, isso quando são ao menos inteligíveis no que dizem: são conhecidos, nesses casos, os sintomas de afasia e de comunicação através de variantes primárias e ancestrais da língua materna do paciente.

— *Você se veste de médico e me faz perguntas e depois diz que não acredita em mim ou que não entende o que eu digo, mas você trabalha com eles e sabe que tudo que eu digo é só a verdade. Você só me pergunta pra fingir que não sabe. A ditadura não declarada mandou destruir casas e guardar anotações. Eles fazem as pessoas sumirem e depois somem com todos os documentos, todas as evidências legais que dizem que a pessoa existiu, e todo mundo que vai atrás dizem que é gente que ficou louca e que persegue gente que nunca existiu. Que o único cadáver que se deve perseguir é o que não pode ser alcançado. Que isso é a sabedoria. Que os sábios não se ocupam nem dos vivos nem dos mortos. Você quer me enganar como se eu não soubesse que você já venceu. Não, eu não falo da antiga ditadura que passou. Falo de uma mais antiga, que já estava antes e que nunca foi embora.*

— Do que ela está falando, doutor?

— De alguma coisa que ela leu sobre a antiga União Soviética. Horrores do passado histórico. Informações inúteis pra você, senhor jornalista, e completamente irrelevantes pro avanço da ciência. Um caso perdido e lamentável.

Mautus, por sua vez, sabia pouco ou talvez nada do sr. Novilhos. Seus tentáculos espalhados pelo mundo tornavam desnecessário o seu contato com novos usuários e com atravessadores, como seria o caso do sr. Novilhos. O trabalho de Mautus se resumia à criação e ao laboratório. A experiência seria demorada e dividida em vários estágios que precisariam ser documentados nos menores detalhes. Era preciso paciência, porque o fracasso de cada tentativa não podia ser descartado como possibilidade e o estágio em que se abrisse a brecha para a falha teria que ser detectado com exatidão, para que não se repetisse na vez seguinte. O risco maior, e que faria com que tudo redundasse em total perda de tempo, material, energia e esforço, era a sua teoria não estar correta. Mas era preciso experimentar, pelo bem da ciência.

O sr. Novilhos, diziam, era admirador da ciência e homem culto: dizia se inspirar no próprio Mautus Fidélis como Álvaro de Campos em Alberto Caeiro (detalhe da lenda que, provavelmente, foi mais comentado, celebrado, rido com cinismo e talvez mesmo inventado nos meios mais pedantes da sociedade alencarina, os melhor protegidos por uma hipócrita aura intelectual). Em que consistiria ao certo o método científico ou a filosofia do sr. Novilhos, que ele teria revertido do tráfico para a cafetinagem, ninguém sabia ao certo. Lhe atribuíam muitas frases estapafúrdias e muitas frases disparatadas, mas quem poderia dizer que ouvira qualquer coisa de um homem que talvez nem sequer existisse, o que reduziria tudo a uma história insana, um anedotário da miséria que não parava de crescer?

Por uma estranha coincidência, quando Mautus começara suas atividades ilícitas, sendo acusado antes de tudo por atentado à saúde pública, já que a produção, distribuição e venda de suas substâncias tóxicas até então inéditas e não catalogadas ainda não podiam ser criminalizadas e condenadas como tráfico, também se suspeitou que ele mesmo, o próprio Mautus Fidélis Cohen Jr., não existisse, que não passasse de uma lenda urbana elaborada por desocupados sem futuro (os amigos próximos de um jovem promissor de mesmo nome que ingressava no serviço público diziam se tratar de calúnia, embora o seu próprio irmão, na própria família reconhecidamente pródigo, nunca o tivesse defendido). Isso até começarem a aparecer os dependentes em estado terminal e de uma poderosa endemia de solitária ter se disseminado na periferia de Fortaleza, na região metropolitana e em focos no interior.

A pocilga de Mautus Fidélis, na época, era ainda mais infecta do que a de qualquer periferia insalubre ou área de risco mais extrema. Uma podridão

secular e colonial tomava conta de todo o ambiente. A profunda escuridão da terra tinha vários matizes suspeitos e repugnantes. O importante era nunca higienizar nada e sempre que possível trazer mais dejetos e detritos do mundo exterior, mundo que, para o Mautus, apenas *parecia* saudável. “Meu quintal, minha pobre pocilga improvisada, é só a realidade do mundo concentrada”, ele pensava, nas horas de sol mais abrasador, quando a catanga empestava tudo. As reclamações dos vizinhos (“Putá que o pariu, chega, mulher, cagaram o mundo!”), declarava uma velha nonagenária e profética nos momentos de maior fedor, com a profunda e chocante sinceridade de quase um século de vida) eram constantes e aquela nem era sua primeira residência-laboratório-ateliê. Mais de uma vez sua criação obrigou Mautus a se mudar e a limpar tudo antes de ser autuado pela vigilância sanitária. Mas, daquela vez, seria uma pena: nunca antes ele tinha conseguido chegar a um estado de insalubridade tão próximo da perfeição, a qual, perfeição, como se sabe, sempre se encontra mais além. Ele até imaginava que a eletricidade dos dias poucos de tempestade e raios, na cada vez mais breve época das chuvas, poderia fazer com que a vida brotasse do caldo primordial da podridão de todas as coisas, que ele acumulava no quintal, o qual, nessa ocasião, poderia reproduzir o início científico da vida na terra. As pessoas reclamavam assim mesmo, porque não sabiam o trabalho necessário pra preparar a podridão essencial ao surgimento da vida.

– *Eu não acredito que você também seja um hipócrita e um mentiroso. Mentem pra você também e você escreve o que dizem e os homens publicam. Você pelo menos não é mais um desses caras que se vestem de branco.*

– Parece que ela quer falar comigo, doutor.

– Senhor jornalista, por que quer perder tempo?

– *Olha pra mim. Eu sei o que o Homem Provisório, um eleito deputado, disse: ele pegou o telefone dele e fez a ligação dizendo: “nós não somos os ingênuos que precisam acreditar que o progresso é possível sem horror; nós inventamos o humanitarismo que justifica a barbárie; nós sabemos que as boas intenções paralisam se não geram lucro”. Ele disse isso ao telefone pro dr. Fidélis, que era pro dr. Fidélis pegar mais leve na experiência porque chamava muita atenção. Que o futuro da cidade dependia da tranquilidade do cidadão de bem que trabalha de carteira assinada. Não fui nem eu mesma que vi isso, pra você não dizer que eu estou louca. Foi uma sombra que me falou.*

- Doutor, pode ser que o que ela fala faça sentido...
- Senhor jornalista, está mesmo interessado no depoimento de uma pobre criatura transtornada ou fissurado imaginando o corpo nu da paciente por debaixo da bata?
- Doutor, o senhor me faz uma acusação grave e bastante ofensiva...
- Não me entenda mal, senhor jornalista. Não estou dizendo que o senhor seja um agressor de mulheres ativo. Apenas que a carne é fraca. É fraca, frágil e a no final é a única coisa que nós temos. Não leve a sério essa pobre criatura. O desejo confunde o senhor, senhor jornalista.
- Não somos apenas carne fraca, doutor. Também temos uma mente.
- Uma mente? Senhor jornalista, uma mente é apenas os dados confusamente guardados dentro de uma coisa chamada cérebro. E o cérebro mesmo é apenas uma porção de carne. Não necessariamente a mais saborosa.

Enquanto preparava o porco, maturava sua contaminação semiartificial, Mautus alimentava as enguias-hienas com carne também suína. Aquelas enguias, ele percebeu, tinham fúria; atacavam sem pudor os pedaços generosos e plenos de sangue da carne morta, de aspecto tão humano quando servida daquele jeito, crua. Se enroscavam, as enguias, nos destroços do cadáver de forma promíscua, mostrando na superfície as escamas lustrosas do seu corpo esguio deslizando. Mautus se acorava diante do tanque, sorria e salivava diante do espetáculo, enquanto suas botas emborrachadas brancas afundavam na podridão. A água do tanque era imunda também, escura, densa, quase compacta; não precisava ser protegida do ambiente ao redor, pois as enguias, aquelas enguias, eram afeitas à sujeira e prosperavam nela. Aquilo prometia. E a ciência se mostrava bela aos olhos de quem sabia apreciar o seu lento desenvolvimento.

O sr. Novilhos (obcecado por higiene, segundo a lenda, fanático por limpeza, ternos alinhados, sapatos bicolores lustrosos e cabelos pintados de um preto agressivo de rena), que seja na realidade seja na ficção que inventaram também se considerava um cientista, encarava o ofício de outra forma. O amor, pra ele, se realizava através do esforço e da abnegação, a qual começava pelo sacrifício dos sentimentos humanos. Se para o maravilhado Mautus Fidélis o orgulho, embora devesse vir depois do suor, podia invadir o processo do

trabalho antes da conclusão e do resultado, pro sr. Novilhos o suor se bastava como meta. “Se as pessoas sentissem a verdade verdadeiramente, o tempo todo, se não fosse preciso buscar a verdade, se os sentidos pudessem oferecer a verdade à mente de uma forma tal que impedisse qualquer tipo de racionalização e mascaramento, ninguém mais ia conseguir dormir, e todo mundo ia sentir dores os dias inteiros, e talvez ninguém conseguisse nem sequer sair do lugar”, diziam que ele dizia. “A mentira é uma necessidade biológica pra preservação das espécies racionais, mas, em excesso, também pode levar à degeneração da raça. O que eu faço é oferecer às meninas uma dose dolorosa e saudável da verdade e uma visão profética do que é o futuro de todos nós.” Isso consta em escritos apócrifos, publicados em prosa, mas também impressos no formato de cordel, que celebravam a lenda do sr. Novilhos (o autor talvez fosse o próprio ser humano tangível por trás da lenda, talvez o inventor da ficção, talvez um aproveitador que não queria saber se aquilo tudo era real ou não). O horror gerava lucros, e, segundo os escritos, o sr. Novilhos, supostamente entrevistado, teria falado do seu método de trabalho: era necessário submeter suas meninas à abstinência compulsória, trancadas em quartos despídos e sem luz, e a abortos provocados por ele mesmo, com as próprias mãos nuas, apesar do asco que esse contato com a intimidade da vida lhe causava. “Eu também tenho que me sacrificar de vez em quando, e entrar em contato direto com a verdade”, ele teria dito. O sr. Novilhos, verdade seja dita, achava que a cidade lhe devia acidentes e crimes. Os crimes e os acidentes, pra ele, eram as rápidas aparições de Deus, pequenos milagres absurdos que a curiosidade e os trabalhos adultos escondiam dos seus olhos famintos, como se se tratassem de erros de configuração a ser corrigidos o mais rápido possível, e não as marcas dos dentes da engrenagem de tudo na sua própria carne de pedra.

Ela sai do controle de novo. Não lhe basta mais apenas falar o que sabe pra que ninguém mais leve a sério. Ela tira a sua bata verde clara de paciente e mostra a verdade constrangedora da sua nudez de que o próprio médico já havia falado. A toda carne tenra com os mesmos riscos estriados que aparecem no rosto. Rastros fechados de lâminas de barbear e cacos de vidro.

– O que me importa que ele me veja e que ele me deseje? O que ainda vão poder tirar de mim? Já arrancaram com a mão o que eu tinha dentro do útero e sufocaram enquanto ainda gritava e convulsionava. Depois colocaram no forno. O que vocês pensam que é a névoa das noites? É a cinza de quem não tem mais corpo e nunca teve

nome. Anota aí. Eles vão destruir todos os documentos que falam sobre mim. Amanhã eu vou ser só mais uma sigla vergonhosa no seu jornal. E depois só vai sobre isso e ninguém vai lembrar. Mas e daí? Eu também sou daquelas que nunca teve nome... Agora eu estou aqui presa. Quem é que vai costurar pra criar os filhos de ninguém que todo mundo fez em mim?

– Moça... como você se chama realmente?

– Posso lhe dizer o nome dela depois...

Os enfermeiros dominam o corpo nu, que na verdade não reage. Ela ri.
– *Não importa que não saibam nem importa que não queiram saber* – ela diz. *Vai acontecer de qualquer jeito.*

– Eu queria que ela mesma me dissesse, doutor.

A anestesia é aplicada. Todas as perguntas são inúteis.

– Ela nunca diz o nome verdadeiro, o nome comum e inventado de uma mulher do povo. Sabe como é. Mães de família impressionadas com nomes estrangeiros que elas mesmas não entendem.

– Mas que nome que ela diz que tem?

– Cassandra, senhor jornalista, é assim que a mulher nua diz se chamar...

Enquanto isso, as anotações do professor Mautus Fidélis ganhavam um caráter cada vez mais apaixonado. Ele observava cada vez mais atentamente o trabalho obscuro das enguias e chegou ao ápice da crueldade científica. Chegou a jogar porcos, corpos vivos, pras hienas, quero dizer, para as enguias furiosas. Os porcos, aliás, sofreram nas mãos do sr. Mautus Fidélis, que pela época aderiu aos hábitos vegetarianos. Ele chegava a dissecar os animais vivos para analisar o progresso das infestações, e quantas vezes ficou feliz ao verificar o resultado. Tênia fêmeas lutando entre si dentro do intestino do porco em nome da primazia. Ele fazia de tudo pra que o porco da ocasião sobrevivesse, pra poder jogar o corpo vivo pras enguias. E, durante essa fase do processo, com a certeza de que era um gênio e de que nada de si podia se perder, ele anotava todas as noites os próprios sonhos e estudava a genealogia dos deuses da morte, tomando a última versão do seu próprio refugio pra conseguir dormir melhor.

— *Ele dispõe de muitos Homens Provisórios, Grandes Homens Provisórios e Invisíveis que se chamam Senhores Vereadores e Deputados. Ele tem. Eles passam e ele permanece. E todo mundo vai fingir que não me ouve e os filhos de ninguém que nasceram de mim vão morrer de fome porque eu não estou lá fora pra torturar pra que eles vivam. A antiga caldeira da Light vai funcionar a madrugada toda. Ele vai dizer que é só uma padaria ilegal que ele construiu pra alimentar os pobres, mas o que ele faz é uma névoa de cinzas humanas. Uma névoa cinza de putas e bastardos que não vão ter quem costure pra eles. Todo mundo vai fingir que não me ouve e que eu sou louca. Porque todo mundo sabe que é verdade.*

Boatos cada vez mais estranhos começaram a rondar a figura do sr. Novilhos, já lendária por si mesma. Diz que ele tinha uma caldeira num subsolo inusitado numa casa no Centro Velho, outros dizem que é num galpão abandonado na Duque de Caxias, e que ele incinerava os fetos abortados e as meninas que não sobreviviam aos processos cirúrgicos operados por ele mesmo: pois o sr. Novilhos era conhecido, em boatos, não só por efetuar abortos com as próprias mãos, como também por implantar nas mesmas meninas (se diz que nem sempre com sucesso, ou seja, ao menos com a sobrevivência da paciente em questão) segundos e terceiros sexos: pois também se diz, sobre o assexuado sr. Novilhos, que ele teria criado uma genitália que ao mesmo tempo tinha tanto as qualidades masculinas e femininas das genitálias naturais quanto características específicas que não correspondiam originalmente nem a um nem a outro gênero, e que diria com todo orgulho de descobridor que “sempre haverá quem pague pela loucura”. Diz também que havia uma chaminé no topo do prédio, e que a chaminé espalhava na rua as cinzas das meninas. É difícil dizer o que é verdade ou não, quero dizer, qual a versão verdadeira do horror, já que ainda se encontravam, e na época com uma frequência assustadora, fetos sem luto e sem lembrança desovados em sacos plásticos junto com lixo.

— “Sempre haverá um tarado disposto a pagar por um momento de prazer com todo tipo de aberração. Como vivemos em tempos higienizados e desvirilizados, eu mesmo que tenho que montar as minhas aberrações. Querem o progresso sem o horror? Querem permanecer inocentes e virgens? Querem voltar ao seu estado indígena e pagão? Malditos sejam. Uma geração decadente que deseja a eternidade física a mais vulgar, e teme a morte como se fosse algo imoral e imprevisto. Ninguém mais deseja a paz e a santidade.”

Segundo os historiadores místicos, o dia 18 de março de 2049, uma

quinta-feira, entre a latitude de menos três graus, quarenta e três minutos e dois segundos, e a longitude de menos trinta e oito graus, trinta e dois minutos e trinta e cinco segundos, do planeta terra, latitude e longitude que correspondem à cidade de Nossa Senhora da Assunção de Fortaleza, se os localizadores eletrônicos e as enciclopédias virtuais, há muito sem atualização, não estiverem erradas, teve uma noite de cem anos ou um sombrio século de sete horas. Uma horda imaterial causou pesadelos, acidentes domésticos, presságios, frios na espinha, vultos e ecos em vários pontos. O pequeno fantasma de asas nos olhos dos que foram abortados contra a vontade das mães, o fantasma salgado dos caiçaras em cores antigas de telas rotas e rasgadas, o fantasma da pintura de espinhas de peixes e monstros em telas também rotas e rasgadas, originais de antigas capas de catálogos telefônicos, destroços na calçada de museus falidos e abandonados, o fantasma vermelho dos índios sacrificados e expulsos e das índias seduzidas ou estupradas ou seduzidas e estupradas, o fantasma dos incestuosos e canibais e ladrões de circunstância e prostitutas famintas e nus e magros e imundos e selvagens se banhando nas lagoas de 1888 e jagunços sem mandante, o fantasma dos prisioneiros nos campos de concentração do Pirambu e das margens das vias férreas de 1930, a sombra do esqueleto negro da cidade máquina orgânica das profecias de outro pintor moderno cujas telas também foram todas abandonadas como roupas rasgadas com violência por agressores anônimos, almas adolescentes transportadas no bojo escuro e úmido de úteros voadores, a sombra do caçador de abutres atormentando com os ossos dos dedos as empregadas domésticas em seus quartos de solteira, o leite materno azedo da falecida Jane Vanessa escorrendo em rachaduras de paredes, estátuas secretando. Um cortejo perdido atravessou a cidade como se apenas pedisse licença pra passar, mas os estudiosos mais atentos perceberam que aquela noite não foi como as demais: ela ecoava no passado e no presente como a música alta de um carro em alta velocidade da qual a gente só consegue ouvir um pedaço: essa noite foi o pedaço da música terrível que vem na direção da gente e depois vai adiante, enquanto as tartarugas marinhas antropófagas vasculhavam a água imunda da praia das Goiabeiras, da Barra e do Nossa Senhora das Graças procurando os membros humanos que os necrotérios despejam no litoral, segundo a fala das ruas (a população local às vezes pesca desses monstros pré-históricos e faz cozidos deles e o ciclo continua; o caminho que leva da boca ao cu pode ser bem mais longo, pode começar em mandíbulas e presas as mais brutais e primitivas), e nos afluentes do rio Cocó peixes grandes que gostam de lama e sorriem com grandes dentaduras humanas buscam abocanhar e arrancar testículos desprevenidos, e lentamente parasitas

marinhos crustáceos devoram a língua até substituir a língua e falar no lugar dela, e se tornam mais fortes os movimentos peristálticos dos encanamentos, digestões obscenas sob a terra, como a libido de vermes, fora da terra e de intestinos, nus, indecentes e contorcionistas.

– *E se o menino precisar de dois reais antes de passar o bisturi?*

– Você precisa de dinheiro pra que, meu filho? Eu lhe dou de graça toda a felicidade que você precisa...

– *E se o menino precisar de mais e quiser negociar?*

– Você apenas pensa que precisa de mais. Se eu lhe der tudo que você me pede, meu filho vai ficar completamente imprestável.

– *E se o menino disser pro homem feio que o homem feio não é o pai dele e que não manda nele?*

– Acho que você não quer perder o seu amigo. E não quer perder o que o seu amigo tem pra lhe dar...

– *E se o menino, ainda assim, quiser mais?*

– Todo mundo que pensa pouco quer sempre mais. Ninguém quer se controlar. Ninguém mais quer ser adulto. Ninguém mais quer ser responsável.

– *O menino nunca foi criança. Pelo menos não lembra de já ter sido criança. O menino cuida da vida dele.*

– Cuida tão bem de si que nem aprendeu a ler, menino.

– *O menino foi chamado Lhagalhá no abrigo, porque sabia soletrar e não saía disso. E, quando a professora disse ao menino que "lha" se escreve juntando o Lha-Ga-Lha, o menino não conseguiu parar de rir. A professora quis botar o menino de castigo, mas o menino foi mais rápido e atravessou a mão megera da professora com um lápis afiado. E nunca mais apareceu na escola.*

– Você só o que aprendeu foi a mentir. E acho que foi mais na rua do que na escola.

– *Escola? O menino viu que é na escola que se mente mesmo...*

— Esquece isso, menino. Tenho uma paciente na mesa. Olha os olhos dela. Parece que não tem nem olho dentro do olho. Não sabe? Aí você olha uma coisa dessas e fica com vontade de tomar também. Mas essa viagem não vai durar a vida toda. Me passe o bisturi e depois lhe arranjo dinheiro pra você comprar doces e estragar os dentes. Ou pra que você consiga alguma coisa mais perigosa do que açúcar.

Foi de repente e depois ninguém disse foi nada: *“quando a polícia perguntou, que foi qu’eu disse?, eu sou besta pra dar confiança agora: fican’ é velha, né besta, não”*. Uma energia de fonte possivelmente sexual começou a fazer pressão sobre ele, sobre sua mente, sobre sua pele, ou sobre o ectoplasma do seu corpo imaginário, uma energia agressiva, mortal, sufocante, invasora. — *Digo pra ti porque todo mundo já sabe. E até os cana’. Que se faz de besta pra pegar mais. Ûa menin’ estranha que a turma chamava Bisturi e comandava uma horda de piveta tudo decrépita que podia tomar a droga que fosse e nada, era. Diz que ela não mandava em ninguém de mesmo, mas as outras pivetas ouviam, faziam e davam importância. Os ditos da Bisturi, poucos. Ela não gostava nem de conversar, não. Calada chupando bala, e era só disso que se nutria: o resto do tempo era fazer programa, passar cordinha e calcular moeda, contando de vagar, de uma por uma, moeda que não acabava mais e que ela entocava de um jeito que ninguém achava. Mulher, o tanto de bicho homem grande que queria domar a pobre e tirar as moedas! Mas pobre, pobre sou eu. Aquel’ ali de pequena só tem o tamanh’. Diz que não fazia nada. Só fazia com quem mexia com ela. Mas também diz que era muit’ era da ruim. Quantos matou? Vou lá saber. Mas diz que foi ela que trucidou o dr. Novilhos, que comeu até o pâncreas do homem. Eu? Achei foi pouco, não vou mentir! Só tive pena foi da pobre que ele operava e que ele dizia que ia ser mais uma Oxumarê em carne e osso... ou pele e osso. Me perdoe o santo o pecado alheio e eu divulgar. E ela morreu na mesa de operação enquanto o puto segurava... um bisturi. Olh’a putaria!* — A intenção secreta e sem palavras de desintegrar seu corpo velho e seco. Paralisar e quebrar suas mãos assassinas. O instinto vital de muitos indivíduos do sexo feminino que ele pisoteara sem perdão nem piedade. Se voltava contra ele. Se insinua. Se insinua. Eletricidade homicida. Anticorpos elétricos se voltavam contra o corpo intruso e inimigo. A vontade de destruir vinha da necessidade vingativa de viver.

Na noite anterior Mautus Fidélis teria tido sonhos ruins, presságios científicos de que ele desconfiava: ele esperava que as coisas acontecessem antes e depois interpretava os acontecimentos a partir dos elementos cifrados dos sonhos, o que garantia que tudo que ele profetizava correspondia, como

acontece com os intérpretes de Nostradamus (que perceberam que ele tinha profetizado a Segunda Guerra Mundial só depois que a Segunda Guerra Mundial já tinha acontecido). Mautus, a essa altura do campeonato, não usava mais apenas os viciados crônicos das suas drogas pra viabilizar o trabalho de distribuição: também contava com as próprias sombras desgarradas deles. Mas as sombras de repente desapareceram. Se entocaram. Sombras são os melhores mensageiros. Por mais pesados e materiais que sejam mantêm sua aura de incorporeidade e, despregados dos seus corpos, não se pode dizer que possam ser punidas. Mas, por isso mesmo, se tornam bem pouco confiáveis. Pois podem ser ainda mais irresponsáveis do que espíritos desprendidos de corpos.

Os caras riscaram mais merdas nas paredes, nos muros escuros e nas portas fechadas, que um batalhão de pivetes sem vigilância. Pichadores fenícios. Seus alfabetos ancestrais escritos de cabeça pra baixo no topo dos prédios mais altos. Foi assim que encontraram a avenida do dia seguinte, ainda chamada Duque de Caxias, apesar dos acontecimentos. Tudo que restou do sr. Novilhos, ou mesmo de sua lenda, foi um globo ocular de pupila esbranquiçada pelo tempo, de um azul sujo que já fora castanho claro, ou verde, mas que ninguém sabia ao certo de quem seria, mesmo porque ninguém reclamou sua posse, e manchas de sangue, um rastro arrastado dolorosamente por uma criatura incapacitada de andar. A cena do crime foi cercada pela polícia, que na verdade nem sabia o que fazer e talvez nem tivesse realmente o que fazer. Nos dias seguintes, nenhuma vítima daria queixa sobre o ocorrido e nenhum suspeito seria procurado. Ao longe, espreitando, os predadores da noite esperavam sua vez. Gatos acendiam seus olhos no escuro. Cães pelados de rua salivavam. Gábirus e cassacos erguiam seus focinhos dos esgotos. Exércitos laboriosos de formigas se deslocavam nas sarjetas. Uma nuvem de sangue que os olhos nas órbitas dos humanos vivos não conseguiam ver se espalhava por quilômetros como uma névoa. Os traficantes e usuários ao serviço do sr. Mautus Fidélis, seus tentáculos espalhados pelo mundo, se acoraram nos lugares mais escondidos que acharam, começaram a arfar e a procurar com todos os sentidos a estranha ameaça que pairava, mas que eles não sabiam identificar. Se a sensação persistisse, começariam a guinchar e a arranhar com as unhas contra a primeira sombra que vissem se mexendo, como ratazanas acuadas.

A roupa nodoadada de sangue suíno e um carrinho de mão pra levar um carregamento barulhento de bacorinhos amarrados pelas patas. E a felicidade

no assobio de músicas fora de moda. A grande possibilidade de tomar posse da grande estrebaria do Henrique Jorge: lhe fizeram enfim a proposta comercial da sua vida. O feirante negociador de porcos, que conhecia bem o Mautus e não gostava dele, até estranhou o tapa-olho. – Tive um problema com minhas crias – ele disse. O negociador também não gostou do menino que andava com o Mautus, um tipo embrutecido e acanalhado, típico menino ladrão, sugestivo o tempo todo e sempre analisando possibilidades com olhos tranquilos. Desde pequeno bandido e sem timidez.

– Cada um com os seus problemas – disse o negociador de porcos da feira. E Mautus se foi com o menino, que levava o carrinho de mão.

– *E se o menino quisesse comer porco?*

– Você vai me ajudar a levar isso pra casa. Lhe pago em dinheiro, não em comida.

– *Dinheiro pouco e miúdo.*

– O que você quer? Enricar levando porco em carrinho de mão? Meu amigo, com o dinheiro que eu usei só pra comprar os bacorinhos eu comprava era três de você. E ainda ia ter prejuízo e desgosto. Acha que eu tenho pena?

– *Quem tem pena é galinha, tio.*

– Não me chame de tio. Meu nome é Fidélis. Doutor Fidélis, pra você.

– *Mas tio, acha direito eu do meu tamanho trabalhar?*

– A vida não é justa, mas não fui eu que fiz a vida. Você devia estar estudando, mas você acha qu'eu acredito que você quer estudar?

– *Ah, tio... Ô. Foi mal. Doutor Frigelis.*

– Fidélis, mobral. Fi-dé-lis. Mas deixa pra lá. Só doutor mesmo.

– *Pois é, doutor. Escola é m'o' mentira.*

– Então o jeito é trabalhar...

– *Ô gostão... Trabaar p'os o't'o.*

– Eu não vou mentir, não, meu sem vergonha. Eu já não tinha pena de

ti. Agora você é mesmo de uma geração filha da puta. Qu'eu quero mesmo é que se lasque e eu acho é pouco!

– *Peraí. Doutor. Precisa desconsiderar o nêgo também não.*

– Uma geração decadente que deseja só o prazer físico o mais vulgar, e teme as carências todas como se fosse algo imoral e imprevisito. Ninguém mais deseja a paz e a santidade e o autocontrole. Ninguém é mais capaz de se sacrificar por nada.

– *Doutor, eu vou ser bem besta de me sacrificar? De dar minha força pro lucro alhei'? De trabaar em nome de nada, já que eu nunca vou ganhar porra nenhuma?*

– Pois eu repito. Você faz parte de uma geração completamente estragada. Já não digo nem perdida. Um bando de gente que nunca ouviu falar que o trabalho liberta. E quando souber vai achar é ruim!

Capítulo dois ou vinte e um. Embuá

Me recuso a acreditar que José Airton Botão tenha vagado insano pelos últimos anos da sua vida, do mesmo modo que tenho medo de ver o cara como um herói: não quero ser injusto comigo mesmo nem com ele. É certo que o modo de vida que ele levava nos últimos tempos, misantropo e afásico, alguém que desistiu das coisas e de si, não parece condizer com o modo de vida das pessoas que chamamos de normais, mas investigando os poucos rastros da sua biografia percebo que em todos os momentos, inclusive enquanto ele foi considerado apenas demasiadamente ranzinza pra idade, José Airton foi apenas reativo. Em compensação, creio que encontrei o ponto certo, o momento exato em que, cegamente, a comunidade humana abandonou mais um dos seus membros por não ser mais capaz de reconhecer o mesmo como um dos seus (e quantas vezes não se cometerá a crueldade na defesa de uma ideia frágil e abstrata). Na qualidade de biógrafo, do biógrafo que um dia ele imaginou que jamais teria, embora um biógrafo precário, mas interessado o bastante pra adiar ao máximo o ponto final (que o ponto final não seja posto enquanto todas as possibilidades da verdade, inclusive a mentira, não forem postas, e em último

caso, se for necessário, que jamais se ponha um ponto final); na qualidade improvisada de biógrafo, me ponho no direito de imaginar o que os recortes de jornal não disseram: o que ele pensou diante daquele mendigo cuja pele paralisada e insensível era feita de cascas de árvore. José Airton, sem fonte de renda desde o encerramento das atividades do Instituto Pangloss no Brasil, carregava alguns livros velhos pra vender em algum sebo. Trabalho quase inútil: os próprios sebos estavam vendendo diariamente milhares de volumes a catadores de papel ou jogando fora pra que quem quiser pegasse; quase todos estavam encerrando suas atividades; restavam apenas os que vendiam raridades inquestionáveis, como os livros ilegais do Mauro Parente que traziam o selo de editoras que jamais tinham contratado os seus serviços de escriba. O resultado era que ou se compadeciam daquele velho, que parecia ter perdido o senso de realidade e que era quase incapaz de compreender que os livros físicos tinham perdido drasticamente o seu valor, e lhe davam alguns trocados pra que ele pudesse ao menos comprar um pastel com caldo de cana na praça da Estação ou ele mesmo, sem esperanças, tinha que negociar diretamente com os catadores de papel, que dificilmente davam a ele mais do que alguns centavos, suficientes apenas pra comprar um ou dois cigarros paraguaios em alguma banca. Pois nesse dia ele estava andando na Guilherme Rocha, rumo à praça do Ferreira, que ele ia atravessar pra chegar à Floriano Peixoto pra perturbar os últimos vendedores de livros escolares inúteis e ultrapassados que se escoravam na entrada dos estacionamentos pagos. Estava quase na esquina. Foi aí que viu o mendigo aproveitando a sombra da esquina. O mendigo tinha um pote plástico de goiabada gasto mal forrado de moedas velhas e algumas cédulas miúdas e gastas amassadas. Enquanto as pessoas passavam ele parecia dizer alguma coisa sem contexto. Ele parecia dizer uma coisa que podia ser “comece, comece, comece”, “conhece, conhece, conhece” ou ainda “com s, com s, com s”. Preso por uma curiosidade linguística infantil, José Airton desacelerou o passo e prestou atenção. Percebeu que, de uma forma quase inexplicável, o que o mendigo repetia como uma vaca que ruminasse era “por Deus, por Deus, por Deus”, e só depois constatou sua situação enferma e bizarra. O mendigo, por sua vez, percebeu a curiosidade do estranho e parou de falar por um momento. Não estava ofendido pela possível curiosidade de um estranho por sua aparência, e José Airton percebeu isso logo: o mendigo, desconfiado, recolheu o pote de goiabada pra proteger o seu dinheiro.

Uma das expressões mais caras do José Airton, que se dizia cético, era “É um sinal”, e ele descobria sinais em quase tudo. Um sinal de que ele não devia

ter saído de casa, um sinal de que deveria ter optado por outro caminho, um sinal de que agora era tarde, um sinal de que o tempo está acabando. Alguns apontavam isso como uma contradição do seu ceticismo, mas julgo, por mim, que ele apenas queria costurar os fragmentos da realidade a partir de evidências sutis. Ele continuou o caminho; era o ponto sem retorno de todas as coisas. Mas um dos problemas daquela época, quando ele já era considerado precário e socialmente inviável, embora ainda não tenha sido chamado de louco até então, era que o José Airton não só absolutamente não confiava nos meios oficiais de informação como já não se interessava por qualquer notícia transmitida pela imprensa. Se isolava. Também não ouvia o que diziam os vizinhos e os amigos ele não sabia onde estavam. Ele não sabia que uma sequência de três prédios, incluindo o andar térreo de um cartório, havia incendiado dois dias antes e que, apesar de não estar sendo vigiada, a área estava interditada. Ele passou por sobre a barreira e prosseguiu o seu caminho. Quis ver de perto. Dali ia dobrar alguma esquina rumo à major Facundo ou continuar até a duque de Caxias. Tanto fazia. Mas eu, que não vou dar agora uma de narrador onisciente, imagino que ele se identificava com os escombros, com o que está semidestruído. Tenho até a teoria de que esse seja o lado mais perverso da brasilidade, é com isso, mais do que com hinos nacionais e bandeiras, mais do que com a fama internacional de hospitaleiros e sexualmente felizes que me faz rir, que faz com que nos identifiquemos, sem escândalo, conosco mesmo, eu até diria numa relação cruel de amor desgastado, mas que permanece. Talvez o amor por alguém que não corresponda ou nem sequer perceba, e é apenas ao pensar nesse tipo de coisa que o verso “verás que um filho teu não foge à luta” faz sentido pra mim. Até que ponto o meu pensamento sobre a questão verdadeiramente importa, ao ponto de eu interromper uma narrativa que tenho que reconstruir a partir de pouquíssimos indícios? Fui tomado por uma solidariedade com os mortos que me induziu a esse senso precário de justiça: talvez pra combater o boato cristalizado de que o José Airton era louco eu acabe exagerando e dizendo que se tratava do cara mais lúcido possível e qualquer um com a cabeça no lugar ia agir da maneira como ele mesmo agiu, não que isso fosse ajudar sua pessoa, mas porque era inevitável.

Um braço totalmente coberto por uma luva negra apareceu de repente e puxou o José Airton pra dentro das cinzas de um prédio incendiado. Lhe pareceu um braço enluvado em negro porque não era um tom escuro possível de pele: era a cor negra dos pássaros negros, era a cor negra das sombras

adensadas. José Airton e aquele corpo escuro e sem identidade própria estavam justamente nos escombros do cartório. O piso dos andares superiores e o teto tinham desabado e não se sabia onde nada começava nem onde nada terminava. O livro que o José Airton ia tentar vender, uma edição portuguesa fac-similar do livro do Anselmo Caetano (foi o exemplar de que ele se desfez com mais dificuldade por causa de toda uma memória afetiva: uma amante dele tinha roubado o livro da biblioteca do CH da UECE pra dar a ele de presente, e ele se lembrava perfeitamente do momento em que começou a leitura, de tudo que estava no livro e ao redor do seu ato de leitura, do seu próprio corpo nu sentado na beira da cama enquanto, nua e satisfeita, a mulher já ressonava e, na vitrola abandonada, Fagner cantava *entendo o fogo... porque sou daqui*, e ele mesmo, iluminado pela circunstância e pela própria leitura, compreendeu que, realmente, essa era uma condição essencial para a compreensão do fogo), o livro caiu na calçada lá fora. O corpo sombrio encostava José Airton contra a parede. — Quem é você? — ele perguntou, mas a pergunta era inútil. O corpo, que não tinha no rosto linhas que identificassem nariz e boca e olhos, era todo uma cor destacada pela luz do sol contra o absurdo familiar dos escombros, mas podia facilmente ser identificado, pelo perfil, pelos contornos, como o que a biologia considera o corpo nu de um ser humano do sexo masculino, e rapidamente José Airton percebeu que o corpo queria lhe impor aquela masculinidade: insinuava as mãos sob as roupas dele e claramente estava surdo pra qualquer reclamação, entregue que estava a uma fúria sexual que de tão intensa e repentina raiava o sentimento amoroso. O corpo era mais forte do que o pobre José Airton, que não parava de reagir, por desespero inútil. As roupas foram rasgadas e a pele coberta de beijos forçados que não diziam nada. O corpo tinha a resistência da carne, mas não tinha a consistência da carne. Era como ser agarrado por um manequim de borracha incapaz de transmitir calor humano. José Airton ouvia algo como uma respiração, mas não identificava aquele movimento sutil e calmo do ar (a tranquilidade do obstinado) como a respiração de nenhuma espécie viva, nem mesmo com a respiração das plantas, que ele ia aprendendo lentamente.

Quando os policiais chegaram, José Airton já estava subjugado e o ato já estava consumado. Os tiras conseguiram flagrar o corpo, mas o corpo conseguiu fugir a tempo. Só restava socorrer a vítima. — O senhor está bem? — perguntou um detetive da civil que se agachou diante do homem caído e agredido enquanto outros dois tentavam alcançar o corpo. José Airton se assustou com a voz humana. Se deu conta, só então, que tarde demais alguém

tinha chegado pra ajudar. Ele tentou recompor a roupa em trapos e se sentou na areia carbonizada dos escombros.

– Eu estou vivo – ele disse. – Mas alguma coisa que eu não sei o que é acabou de me estuprar. O senhor não tem um cigarro? – O detetive achou estranho, mas ele mesmo já estava cansado demais pra fazer qualquer pergunta desnecessária e lhe alcançou um cigarro e o isqueiro.

– Desculpe lhe dizer – disse o detetive. – Mas preciso lhe perguntar. Quero ajudar o senhor, mas, na minha profissão, não posso perder tempo. O senhor foi mesmo sexualmente agredido?

– Achei que tinham vindo aqui por isso, porque tinham visto um cidadão sendo estuprado por uma coisa.

– Viemos aqui porque essa área é de acesso restrito. O senhor mesmo não devia estar aqui.

– Eu apenas passei. – Tragou profundamente. Era um cigarro de baixos teores, muito pouco pra quem se acostumou a cigarros paraguaios fortes.

– Há avisos lá fora. Muito claros pra quem sabe ler em português. Aliás, isso é seu?

O detetive trazia o livro de Anselmo Caetano, que tinha encontrado na calçada.

– Sim. Quanto o senhor me dá por ele?

O detetive respirou fundo. – Não me diga que você é mais um desses viciados. Periga você ter sido estuprado por sua própria sombra.

José Airton procurava se sentar mais confortavelmente e lutava com o cigarro pra conseguir alguma coisa. – Você fala dos refugos do Mautus Fidélis? Eu não ia tomar um negócio daqueles nem que me pagassem.

– Tenha calma, cidadão. Não há nenhuma prova de que as drogas de que o senhor fala sejam produzidas e vendidas pelo sr. Mautus Fidélis. Se o senhor dissesse isso oficialmente, ia correr até o risco de ser processado.

– Acho difícil que me permitam dizer qualquer coisa oficialmente. Sou apenas um homem com fome e sem emprego. Sou apenas alguém que precisa

viver. E, como tudo pode sempre piorar, acabei de ser estuprado por uma coisa que eu não sei o que é.

– Então o senhor afirma. Que foi estuprado. Que não pediu pra que isso acontecesse. Que não se tratou de um ato consensual.

– Afirmando. Mas em que isso vai me ajudar?

– Preciso que o senhor venha comigo pra formalizar a queixa.

José Airton se levantou e acompanhou o detetive. As roupas dele estavam tão rasgadas que dava a impressão de que ele estava mais nu do que se estivesse sem as próprias roupas. Porque era uma nudez de miséria. Uma nudez que revelava a higiene precária, os ossos das costelas e feridas que não saravam. Na delegacia lhe arranjaram uma farda antiga e usada que ficou justa demais, mas que era melhor do que os trapos. José Airton nem sequer conseguiu identificar aquela farda como uma farda da polícia local. A farda era da década de 1990. Ele achou isso estranho a princípio, mas, pensando bem, fazia algum sentido. Quando sentaram José Airton pra dar o seu depoimento, ele achou estranho também que o escrivão estivesse diante de uma Olivetti verde e pesada, mas percebeu então que o retrato na parede ainda era do presidente anterior e que o barulho de máquinas de escrever mastigando e tornando racionais as várias versões confusas daquelas pequenas histórias de crueldade banalizada era a música randômica do ambiente e que a qualquer momento ele podia dormir, e ele se sentiu mais ou menos em casa, como nos escombros do prédio incendiado, e agora ele podia pensar que o que mais doía era justamente a impressão familiar de que tinha sido estuprado em casa, mas quem duvida do que pode acontecer numa casa precária? Não dava pra fugir. Era sempre o mesmo ambiente o que encontrava. Ventiladores lentos e um amarelo abafado que dava um sono febril. Não adiantava nenhuma providência, (tudo não parece tão renovado e esperançoso quando mudam os gestores?) por mais oficial que quisessem erguer as instituições públicas e as empresas privadas, por mais que desejem tornar cada prédio a encarnação em pedra da limpeza, da eficiência, da pontualidade, das metas cumpridas, do planejamento racional, da ordem, do padrão, da normalidade e do ideal, a precariedade sempre irá se infiltrar humidamente em tudo, e o lodo marcará de verde escuro a pele transpirante das paredes minadas de infiltração, o capim criará raízes na pedra, um canto escuro abrigará a engorda das muriçocas, os instrumentos improvisados serão encontrados ao alcance dos olhos dos que não

podiam vê-los, dos que deviam se nutrir das ilusões de que há mundos perfeitos atrás das portas que se abrem automaticamente, os funcionários serão flagrados trabalhando sem camisa ou dormindo no almoço, uma sombra na calçada, as balconistas e recepcionistas deixarão de atender pra conversar entre si ou comprar produtos de beleza, os letreiros terão erros de ortografia e letras faltando, as peças sobressalentes terão cores disparatadas e remendos à vista, haverá lâmpadas queimadas e espaços escuros de vidro esfumaçado nos letreiros luminosos, e cantos originalmente planejados para uma outra função mais prática servirão apenas para guardar tudo que nunca foi usado ou nunca voltou a funcionar e os funcionários que se enamoraram farão cenas de ciúmes na frente de todo mundo. Mas a delegacia tinha pelo menos a vantagem de um ar-condicionado funcionando, mesmo antigo e barulhento, e sem isso a elegância asseada do detetive civil, que se tornava mais elegante e asseada por destoar de tudo, não seria praticável. Além disso ele, o J. A., estava lá pra dar um depoimento e não pra pensar sobre as instalações da segurança pública ou se aproveitar do ar-condicionado quando lá fora as coisas cozinham. Foi o que ele fez: José Airton contou toda a sua história, começando pelo momento em que o Instituto Pangloss fechou as portas e ele ficou sem sustento, e tudo que aconteceu até ele ficar absolutamente sem dinheiro.

— Tendo a acreditar no senhor — disse o detetive ao lado do escrivão. O escrivão fez uma pausa ao perceber que o tom de voz do detetive tinha mudado: não era o tom burocrático das perguntas exatas e frases incompletas, era quase um tom humano. — A dificuldade maior é que toda documentação do Instituto referente ao Brasil sumiu misteriosamente.

— Os catadores de papel. Eles fizeram um trabalho rápido e eficiente.

O detetive pensou um pouco.

— Anote isso também. — O escrivão, que em nenhum momento olhou pra cara de José Airton, voltou ao seu trabalho maquinal, às sentenças que começavam sempre da mesma forma e atestavam o que José Airton depusera. Que foi funcionário contratado, mas não efetivado, do Instituto Pangloss. Que lá permaneceu fazendo trabalhos ocasionais e recebendo por eles até o momento em que a instituição fechou. Que não foi informado oficialmente do fechamento da instituição. Que soube do fechamento da instituição pelo testemunho reiterado dos prédios abandonados e pelo depoimento de outros funcionários, seus colegas, em especial um senhor chamado Cubano Al-

Guayacas Hussein de la Fonseca Segundo, imigrante cubano, que também não foi informado oficialmente do fechamento da instituição. Que todos os seus colegas de trabalho eram cínicos e que ele evitava ao máximo o contato com eles. Que o senhor Cubano Al-Guayacas Hussein de la Fonseca Segundo era ainda mais cínico do que os outros, mas que pelo menos tinha algo parecido com um coração e era possível gostar dele. (Nesse ponto o detetive olhou muito sério pro José Airton Botão, mas, como viu que o mesmo não tinha a expressão de quem estivesse brincando, permitiu que a informação constasse e prosseguiu o testemunho.) Que quando o dinheiro acabou só lhe restou vender as coisas de valor. Que quando as coisas de valor acabaram começou a vender as coisas sem valor. Que quando as coisas sem valor acabaram começou a vender os livros. Que vender livros físicos era quase impossível. Que era preciso tentar todos os dias porque a fome apertava. Que viu um mendigo numa esquina nas imediações da praça do Ferreira e o mesmo tinha uma pele com aparência de casca de árvore devido ao que a testemunha e vítima acredita ser o sintoma extremo de uma deformidade genética tipicamente asiática. Que o mendigo teve medo de que ele roubasse suas moedas. Que ele mesmo não tinha a menor intenção de roubar aquelas moedas, embora não possuísse no momento e nem agora nem sequer uma moeda. Que prosseguiu o seu trajeto em direção à Major Facundo em busca dos trechos em que se concentram, embora cada vez menos, os vendedores de livros usados. Que não tinha tido notícia até então dos sinistros ali ocorridos. Que continuou o seu caminho apesar das faixas que avisavam da interdição do local. Que não pretendia parar nem alterar a cena nem roubar nada que ali estivesse. Que pretendia usar a rua como um atalho. Que foi puxado violentamente para dentro dos escombros por uma coisa que ele diz que não sabe o que é. Que ele perguntou à coisa de quem se tratava, não obtendo resposta. Que a suposta coisa supostamente desconhecida o agrediu com intenção diretamente sexual. Que a mesma coisa rasgou suas roupas e, ainda contra a sua vontade e sem dizer uma palavra, consumou o ato sexual. Que, para o detetive que flagrou o depoente e a coisa, a qual conseguiu fugir, teria dito que vendia livros. Que, para o mesmo detetive, disse que vendia livros por necessidades financeiras e não pelo vício em drogas. Que tentou vender ao detetive uma edição portuguesa fac-similar do ensaio de alquimia Ennoea ou a aplicação do entendimento sobre a pedra filosofal, de autoria do sr. Anselmo Caetano, publicado pela Calouste Gulbenkian. Que foi conduzido pelo mesmo detetive à delegacia, onde sua roupa rasgada foi trocada pelo uniforme usado da polícia militar que datava de 1996. Que declarou em depoimento. Que foi funcionário contratado, mas não efetivado, do Instituto

Pangloss. Que lá permaneceu fazendo trabalhos ocasionais e recebendo por eles até o momento em que a instituição fechou. Que soube do fechamento da instituição pelo testemunho reiterado dos prédios abandonados e pelo depoimento de outros funcionários, seus colegas, em especial um senhor chamado Cubano Al-Guayacas Hussein de la Fonseca Segundo, imigrante cubano, que também não foi informado oficialmente do fechamento da instituição. Que todos os seus colegas de trabalho eram cínicos e que ele evitava ao máximo o contato com eles.

— Vou excluir sua menção ao sr. Mautus Fidélis — disse o detetive. — O senhor não me parece uma pessoa perigosa, falando sério. Mas pode se complicar se uma informação como essa aparecer num depoimento. Aliás, você disse que achava que nunca seria ouvido oficialmente. Eis aí. Um pequeno milagre, é verdade. Mas o Estado ouviu o que você disse e gravou cada palavra. E eu, um representante do Estado, até fui condescendente e não deixei que algo inconveniente fizesse parte desse depoimento. Não precisa me agradecer por isso.

“Um anjo teve uma ereção”, pensou José Airton. “E eu continuo brocha.” José Airton não tinha no rosto o menor sinal de que precisasse ou que pudesse ao menos fingir que estava agradecido. O delegado, um sujeito que vestia paletós elegantes como em filmes policiais americanos, mas que não suava porque estava frequentemente protegido por ambientes de ar-condicionado (era até tão elegante com o seu perfil que era difícil dizer se era o perfil de um sírio-libanês ou de um imperador inca), nem percebeu a indiferença da vítima: estava feliz demais consigo mesmo, pleno de êxtase administrativo.

— Mas ainda assim não posso liberar o senhor ainda. Em algumas horas pode ser que apreendamos alguns suspeitos e precisamos que o senhor tente reconhecer o agressor.

Nesse momento, o provector e engenhoso prof. dr. Maír surgiu como uma aparição.

— Senhor detetive — ele disse. O detetive se virou de repente; parecia bastante assustado. José Airton Botão, ergueu as sobrancelhas e o olhar na direção do homem. Se lembrava bem dele, mas achava que já tinha morrido, e era comum acharem que o dr. Maír não teria conseguido sobreviver ao fechamento das portas do Instituto Pangloss em território nacional. A voz dele

estava estranha e o homem parecia incrivelmente envelhecido, embora bem higienizado, como um cadáver tratado pro velório. Seu sorriso bem treinado enferrujou bastante, mas ainda era bastante profissional e sem traços verdadeiros de afeto. A voz era o mais estranho: parecia uma transmissão de rádio que tivesse se perdido no passado e só agora tivesse encontrado antenas receptoras, as últimas notícias do governo Vargas. “Se duvidar ele vai nos dar a grande novidade de que o presidente se matou”, pensou José Airton, mas não se moveu da sua cadeira coagida. Desde que, pra ele, nenhum lugar era bom, qualquer lugar era bom.

– Prof. dr. Krobach Maír – disse o detetive se erguendo. Parecia simular o respeito, mas mais por um estranho medo do que por cinismo.

– Se não é o meu bom paciente eterno. Sr. Detetive. Pelo que mostram os fatos parece que os meus piores pesadelos se concretizaram. Ser um monstro agora parece que é moda. Teratologia é medicina comum e não mais investigativa. A própria ciência vai ficar uma coisa entediante nos próximos tempos.

– Prof. Krobach – o detetive tinha perdido toda sua autoconfiança administrativa –, o senhor pode me chamar pelo nome.

– Eu sei que eu posso – ele disse –, mas eu não quero. Ética profissional que inventei de repente. A psicanálise está em crise. Hoje todo mundo quer se tratar através de tutoriais na internet ou sites de pornografia. Uma solução, admito, mas eu tenho que pensar na profissão. E em épocas de crise temos que ser radicais. Mas o que me interessa aqui é o meu outro paciente. O senhor, sr. Detetive, continue o seu tratamento. Penis normalis dosim repitatur.

Devido a influências políticas e acadêmicas, a carreira do dr. Maír permaneceu quase intacta depois do fechamento do Instituto Pangloss: os demais médicos caíram sobre maldições acadêmicas e misérias intelectuais; tiveram que se contentar em abrir consultórios no centro pra dar atestados médicos, sem precisar olhar pro paciente, pra pessoas que precisavam sair ou entrar em empregos. O dr. Maír voltou à vida acadêmica e, além disso, preparava aspirantes a delegado e detetive da polícia civil. – Trair os próprios sentimentos é a única forma de se manter íntegro – era a principal lição que dava. (“Trair os próprios sentimentos é a única forma de se manter íntegro”: a

acertiva curiosamente também consta numa das últimas anotações lúcidas e legíveis do José Airton, se as datas que ele eventualmente marca são confiáveis, 22 de abril de 2049, no caso, mas a frase é atribuída por ele a uma travesti chamada Araga.) O fato natural e lógico de que muita gente achava que ele tinha morrido também ajudou a proteger a sua pessoa e a sua própria atividade. José Airton, que também achava que ele tinha morrido, nada sabia desses trâmites: eram informações que circulavam numa esfera mais alta do que ele podia alcançar e mesmo bem além do seu interesse. Mas agora o próprio dr. Maír puxava uma cadeira ao seu lado e se sentava.

– Não se preocupe, sr. Escriba. Não vai doer nada.

– Sempre tenho medo quando me dizem isso.

– Sempre adorei o seu senso de humor desesperado, sr. Escriba. Mas nunca se esqueça: o cínico, quando ainda tem coração, machuca a si mesmo na esperança de que nada exterior tenha o menor efeito sobre ele. Se consegue destruir o coração, missão cumprida. Se não consegue, é necessário que surja um profissional.

– Ou a internet e os sites pornográficos.

– Então, sr. Escriba, sua capacidade de perceber os fatos ao redor continua tão boa quanto antes. Embora suas roupas não sejam muito adequadas.

– Pensei em entrar pra corporação, mas acho que cheguei um pouco atrasado.

– Eu não vou fingir o tempo todo que tudo que o senhor diz é engraçado, sr. Escriba. O senhor me preocupa. A sua existência me preocupa.

– Muito obrigado pela gentileza.

O dr. Maír pegou o livro sobre a mesa, o livro de Anselmo Caetano, e começou a folhear. A primeira coisa que viu foi o carimbo da biblioteca.

– Não precisa me agradecer. Mesmo porque o senhor não se sente grato, sr. Escriba. – Ergueu o livro como se quisesse que José Airton reconhecesse o objeto. – Não sabia que o senhor roubava acervos.

– Foi um velho presente de alguém da minha estima. Eu não ia recusar só por causa da origem. O amor tem linguagens misteriosas.

– Onde está a pessoa que lhe deu esse livro, sr. Escriba?

– Há décadas não tenho notícias dela. O amor tem linguagens misteriosas, eu já disse. E misteriosamente essas linguagens se calam.

– Às vezes o senhor tem lampejos sensatos de lucidez. Mas não sempre, infelizmente. Parece que precisa se voltar justamente contra as pessoas que mais querem o seu bem, mesmo que elas desejem isso impessoalmente. Mas o que você diria se eu dissesse que posso tirar o senhor daqui e fazer com que o senhor só volte quando for necessário? O senhor não ficaria feliz com isso, sr. Escriba?

– Eu não consigo ficar muito feliz com as coisas que o senhor promete, mesmo porque o senhor sempre cumpre. Mas pra mim, agora, tanto faz um lugar quanto outro.

– O sr. Detetive deve ter lhe dito que em algumas horas lhe trará suspeitos pra reconhecimento. Ele disse que pode levar algumas horas, mas eu sei como isso funciona e imagino que você desconfie. Pode levar dias e pode também nunca acontecer. Se acontecer alguma coisa parecida, você vai deparar com um monte de coitados torturados jurando que são culpados. E realmente devem ser culpados de alguma coisa. Mas pode ser que o verdadeiro culpado por desvirginar o seu ânus não esteja entre eles.

– Obrigado pela linguagem direta, doutor.

– Rapaz, você ainda não aprendeu que não adianta ser cínico quando não é você quem manda.

– Bem, tudo indica que eu não tenho escolha. Vou deixar de esperar aqui durante dias e esperar, durante dias, onde o senhor disser.

– Veja pelo lado bom. Serviremos refeições.

O dr. Maír, sem pedir licença, foi falar com o detetive, que tinha se retirado (mas ainda não pra seguir a prescrição médica). O escrivão aproveitava o momento livre pra tomar um café sem açúcar. José Airton percebeu, mesmo com o homem de costas, que a calvície do escrivão era total e absoluta, lustrosa,

mas o escrivão parece que tinha problemas sérios com o suor, mesmo com o ar-condicionado, tremendo, ligado no máximo. Se é que o detetive não era o único que conseguia se posicionar no ponto exato em que o aparelho era mais potente. De vez em quando ele tinha que enxugar o suor com o lenço. Isso deve ter lhe parecido uma humilhação no princípio, mas o tempo e a praticidade obrigaram a esquecer o ridículo. Ele tomava um café sem açúcar. Tinha uma cafeteira só dele bem ao lado da máquina. O escrivão acendeu um cigarro. José Airton até pensou em pedir um, mas percebeu que também o escrivão fumava cigarros de baixos teores. Pouco pra ele. Aí ele percebeu que logo acima do escrivão, na parede em que sua escrivaninha mínima encostava tão rente que já devia ter ferido a pintura, havia uma placa de proibido fumar, e não pôde conter um sorriso. Mas podia sorrir. O escrivão não olhou pra ele em nenhum momento, nem ia olhar. Talvez, de tanto trabalhar de cara pra uma máquina de escrever e uma parede não soubesse o rosto de nenhum dos seus colegas. José Airton até se identificou com a profissão, mas não teve tempo de pensar mais sobre o assunto, porque dois policiais militares tinham que conduzir pra uma viatura seu corpo agredido. Ele não chegou a ver o delegado nem o dr. Maír, mas não se preocupou com isso. Se deixou levar. O que achou estranho foi que os policiais que conduziram ele foram simpáticos demais, puxavam conversa o tempo todo, como se quisessem ser amigos. “Fodeu”, ele pensou, mas nada de grave aconteceu com ele no caminho. Os policiais deixaram ele na porta de um prédio onde dois enfermeiros estavam esperando, e José Airton foi conduzido, de elevador, até o consultório.

– Como está o meu paciente? Está tubo bem com você?

Era o dr. Enrico Pagnii, de quem ele se lembrava bem. Foi o médico responsável por seus exames de admissão no Instituto Pangloss: mais um cara que se salvou do escândalo devido a boas influências. O dr. Enrico Pagnii (não restava dúvida que era ele: o nome estava escrito na placa da porta do consultório, numa plaquinha portátil de mesa e no diploma emoldurado na parede) não tinha envelhecido absolutamente nada nas últimas décadas e mantinha o mais magnífico sorriso aterrorizante dos tempos do IP. Mas olhou pro José Airton como quem vê pela primeira vez um animal raro e que se julgava extinto, mesmo tendo dito *meu paciente*. Pelo menos foi assim que se sentiu o José Airton, segundo os rascunhos do seu diário caótico. Ele resolveu entrar no jogo e dizer sinceramente como se sentia.

– Sou um derrotista, doutor. Tenho tendência ao alcoolismo e ao vício

em remédios pra dormir. Sou um fumante inveterado e isso significa que o câncer me espreita. Escrevo coisas pesadas e depressivas que ninguém em sã consciência publicaria. No final, como diria o dr. Porras, não passo de mais um conformista safado. Recuperei o que chamam de *alegria de viver* por um pouco mais de um mês, mas perdi durante o carnaval. Acho que isso não é pra *gente como eu*. Tirando isso e o fato de eu ter sido estuprado por uma coisa que eu nem sei o que é... tudo bem. — Observação biográfica: às vezes José Airton pensava e escrevia no diário: “Se ainda tivesse um amor, talvez eu fosse feliz”. Mas depois escrevia também: “Quando o cara começa a exigir tão pouco da vida o mais provável é que tudo já esteja perdido”. E essas duas frases se repetem com uma obsessão de inseto, como se precisassem se negar mutuamente e, ao mesmo tempo, se enrolar sobre si mesmas pra se proteger de qualquer outra verdade posterior.

Era numa espécie de escritório-consultório montado num prédio do Centro, tão bem feito que parecia que já estava lá fazia tempo; os contrarregras não brincam em serviço. As paredes estavam forradas de diplomas em polonês, fotografias de mendigos ilustres tratados no antigo Instituto Pangloss, quadros antigos e racistas de tipos humanos ancestrais da brasilidade desenhados por antropólogos colonizadores do século XVII ou XVIII e quadros de animais híbridos, com detalhes dos corpos estranhos enxertados e explicações em alemão que pareciam dizer — do que podiam estar dizendo — de métodos para ligação de veias, artérias, músculos, tendões, ossos e nervos (o mais detalhado era o desenho de cérbero atribuído ao lendário dr. Dauí Mauaras, desaparecido em 1989). Na escrivaninha havia um tratado sobre imunodepressores assinado pelo próprio dr. Enrico Pagnii e naturalmente escrito em italiano. José Airton teve a nítida impressão de que já tinha vivido aquilo antes: eram as típicas dependências brilhantemente improvisadas e rapidamente descartadas do Instituto Pangloss.

- O senhor tem alguma restrição ao uso de sódio pentotal?
- Sou contra qualquer coisa intravenal que não seja divertida.
- O senhor não disse antes que não se drogava?
- Apenas não utilizo as drogas produzidas pelo sr. Mautus Fidélis.
- Não afirme coisas que não pode provar, sr. Escriba. — O mesmo procedimento ético, o mesmo padrão, o mesmo sorriso com a diferença da

idade e da eficiência. — O senhor pode se complicar bastante com esse tipo de afirmação. Mas, então, o senhor se recusa ao sódio pentotal. Apenas torna o meu trabalho mais difícil. Adoro isso.

Sabe o que dizem sobre médicos especializados em saúde mental. São todos perturbados. Seu impulso primário era se tratar sozinhos e, não resolvendo os próprios problemas, passam a ganhar dinheiro com os dos outros, o que, bem pensado, não é nada mal. Pelo menos é o que dizem, e boa parte das crenças fatalistas do sr. José Aírton Botão, escriba semiprofissional e ex-funcionário contratado do Instituto Pangloss.

— Qual o objetivo disso tudo? Nem sei por que pergunto se sei que não vai vir uma resposta.

— O senhor sofreu um trauma. Seu orgulho e sua identidade sexual devem ter sido bastante abalados pela experiência pela qual o senhor foi obrigado a passar. Estamos aqui apenas pra ajudar o senhor a lidar com isso, sr. Escriba.

— Apenas não demore. *Tenho coisas a fazer.*

— Lamento. Lamento inclusive não poder acreditar na sua mentirinha inofensiva. Processos de regressão, sobretudo regressão lúcida, são bem demorados.

— Regressão?

— Eu também achava muito interessante um método novo que eu mesmo desenvolvi. Muito bom em casos latentes de inconformismo como o seu. O clássico lobo em pele de cordeiro...

— Sou um homem preocupado com a verdade e acredito pouco em regressão. Abusaram de mim faz muito pouco tempo. Acredite. Eu não esqueci. E se o cu fosse seu o senhor também não teria esquecido.

— ...e o velho e bom dom Freud já dizia: "O indivíduo é inimigo da sociedade". Mas, voltando ao meu método, ele consiste em trazer moças constrangidas, chorosas e religiosas pra tirar a roupa diante do paciente do sexo masculino, que leva um choque caso se mova. Elas não sorriem nem dançam; se despem sem nenhum aparato cênico. Tudo muito prático. Despido... sem trocadilhos... de toda sensualidade acessória. O que me lembra de que preciso

adaptar o método pras pacientes do sexo feminino... No seu caso, vamos ver como sua libido reage. Quando mais rápido melhor. Mas, pensando bem, não vamos fazer isso hoje.

Ele se afastou. Abriu uma porta que o paciente não tinha percebido, atravessou apenas meio corpo por ela – Meninas, podem ir, hoje não tem espetáculo – e logo voltou à sua poltrona por trás da escrivaninha. Enquanto ele se acomodava, o paciente pôde ouvir suspiros aliviados de moças que se levantavam e o barulho tímido de seus passos pequenos em sapatos sem salto.

– Talvez não fosse uma ideia tão ruim essa das meninas.

– Com você precisamos de algo mais drástico.

– Escute, doutor, não me leve a mal, mas não gosto muito do que vejo no espelho todo dia. Gostaria de saber menos sobre mim porque isso tornaria bem mais suportável ter que beber tanto da minha própria essência o tempo todo. Se dependesse de mim, eu só saberia sobre mim mesmo o suficiente pra responder com educação aos guardas que me parassem.

– Você é um grande mentiroso, sr. Escriba, mesmo quando diz a verdade. O que o senhor quer é se livrar, como se alguma coisa prendesse o seu pequeno corpo miserável e agredido. O meu objetivo é que todos, pacientes e a sociedade ao redor, gostem de olhar no espelho e se ver. Sejam francos. O senhor sabe das acusações que pesavam sobre nós.

– E mesmo assim estou aqui.

– Porque precisa de comida e não por convicção. Porque se tornou um escriba mercenário fracassado. Porque não lhe deram escolha.

– Não gosto de ser chamado de escriba, sr. Médico. Mas tenho senso de realidade. Acho que era isso que me tornava o menos ruim de todos os tipos de escriba.

– Não deixa de ter razão. Mas deve imaginar que a mais criticada atitude do IP foi se dedicar à publicação de livros de autoajuda. E o senhor pouco colaborou nisso. Foi um escriba bastante relapso.

– O senhor precisa admitir que os livros são pavorosamente ruins.

– Dão muito trabalho, meu caro. Fazer esses livros como devem ser custa o suor de muita gente honesta.

– Duvido não.

– O senhor conhece o argumento do Grande Inquisidor, de Dostoiévski? O número de pessoas boas o bastante pra que Deus salve elas é menor até mesmo que o de sacerdotes. Mas a religião, ainda assim, é útil pra consolar os que não serão salvos. E se, mesmo que o nosso instinto científico seja antiteísta, divulgaríamos até a existência de Deus, caso se mostrasse necessário.

– Certo. Já vi que não adianta argumentar. Comece logo com isso, doutor. O Instituto é coisa do passado. Essas portas já se fecharam.

– Ainda há a memória, sr. Escriba, e o que fazemos com ela. O senhor quer mesmo começar o seu tratamento de imediato? Sábria decisão, mas parece tomada mais por conformismo do que por sabedoria. Sorte sua que tomamos sempre as melhores decisões possíveis pro seu bem estar e pro bem estar da sociedade. Garanto que não vai doer.

– Já ouvi isso antes. Nunca é verdade.

O sr. dr. Médico preparou um biombo e arranjou pro paciente roupas brancas de tamanho adequado. O paciente em questão ficou um pouco constrangido porque o sr. dr. Médico disse que precisava ver cada paciente trocando de roupa, que eram regras que demoraria muito a explicar. O paciente se convenceu e pensou que isso não era pior do que ser violentado, mas ainda assim se sentiu constrangido, porque os instintos e a razão em geral não falam a mesma coisa, e a razão nem sempre está certa. O paciente então foi conduzido a uma sala toda branca e bem iluminada com uma cadeira no centro. Havia lâmpadas frias não apenas no teto, mas também nas paredes acolchoadas e no chão acolchoado, lâmpadas protegidas por uma camada de acrílico. A iluminação foi caprichosamente planejada pra que absolutamente nenhuma pessoa e nenhum objeto gerasse sombra. Disseram ao paciente que ele se sentasse de costas pra cadeira e que não se virasse até ouvir uma outra voz humana e que, antes de tudo, falasse compulsivamente tudo que lhe viesse à mente. Mas o paciente não achou isso racional e os instintos não ajudaram: um medo estranho fez com que se calasse como uma pedra e ele olhou pro branco da parece à sua frente. Esperava dormir e que deixassem ele em paz. O chão era macio. A parede era macia. As roupas eram limpas e em algum momento,

mesmo cansados de desobediência, eles iam ter que trazer alguma comida. Mas o sono não veio e os pensamentos começaram a se pensar sozinhos e se repetiam e se repetiam e se repetiam, até que o paciente não suportou mais e disse tudo que lhe vinha à mente, e o mais estranho de tudo, depois, é que lhe pareceu que tinha apenas interpretado muito mal o texto mal rebuscado de uma peça de teatro do século XVII.

— Tenho medo de ser preso. Tenho medo de que apenas eu seja o azarado descoberto pela pequena infração irresistível que todo mundo cometeria no meu lugar e condenado pra que se diga que existe a lei. Tenho medo de que as mulheres interpretem um gesto ou uma palavra como ousadia e me martirizo com as coisas que disse e fiz na véspera. Tenho medo de ser acusado injustamente de assédio sexual ou de fugir do controle e fomentar uma acusação justa. Tenho medo de ser acusado de qualquer coisa que não tenha feito e que batam na minha porta com ordens e mandados absurdos. Tenho medo de intrigas e da inveja dos outros e me confinei num realismo mesquinho que limita o meu desejo ao que estiver ao alcance das mãos sem que seja preciso nem esticar o braço. Tenho medo de que sujeitos armados achem que ri deles e que olhei nos seus olhos como não devia, de não saber com quem estou falando e de não estar no meu devido lugar. Tenho medo de ser abordado por malandros e ladrões ou valentões e não poder fugir. Tenho medo da justiça e da injustiça. Tenho medo da medida e do excesso e da carência. Tenho medo de um dia passar fome e medo de ter coisas que precise proteger dos ladrões. Tenho medo de estar fora de casa e ser agredido ou sofrer acidentes. Tenho medo de que a casa caia sobre mim. Tenho medo de encontrar a casa esvaziada dos móveis, com o piso coberto de garrafas quebradas, fezes e bias apagadas. Tenho medo de que invadam a casa comigo dentro e amarrem minhas mãos nas costas. Tenho medo de ser traído e abandonado? Tenho medo de ter a mulher ofendida e não ter a coragem absurda e louca de vingar a sua e a minha honra à moda antiga. Tenho medo de criar filhos covardes e de criar filhos valentes. Tenho medo de fazer filhos por acidente. Tenho medo de todas as doenças e não estranho ter pensado nisso logo depois de pensar em como se fazem filhos. Tenho medo do que os parapeitos fazem sentir. Tenho medo de todas as intenções ao meu redor e sacrificio covardemente todo meu desejo mais ousado de antemão. Tenho medo de estar me preservando por nada. Amém?

Sem perceber, levado pelas próprias palavras, ele tinha se levantado.

— Sente-se. — Era a voz precisa e sem ousadia de um estagiário que

envelheceu estagiando. — Pode até sentar na cadeira, se quiser.

A cadeira era branca e bem desenhada.

- Tenho medo de estar só e acompanhado.
- Sente-se. De pé pode cair.
- Posso cair com a cadeira. Já disse que tenho medo de ser currado?
- Deite no chão.
- Sim, eu deito. Mas o teto pode cair sobre mim.
- Vai não.
- Prove que não.
- Prove que as coisas caem.
- Estou deitado, preso ao chão como um prego num ímã.
- Porque escolheu assim.
- O chão não é opcional.
- Não? Veja. Vou flutuar.

Sobe na cadeira. Pula. Cai.

- Viu?
- Flutuou não.
- Não?
- Não.
- Isso é impossível. Cinquenta anos de estudos fenomenológicos por nada!

Puxa um revólver e dispara contra a própria nuca, o que exige um pouco de destreza, realmente.

- Preciso proteger meus orifícios, preciso proteger meus orifícios,

preciso proteger meus orifícios... — diz o paciente.

Era uma sala forrada de esponja branca. A porta era uma ranhura sutil que só podia ser aberta por alguém que estivesse do lado de fora. Entra um terceiro homem de branco que também envelheceu estagiando. Agora são dois vivos e um morto dentro do ovo acolchoado, mas o vivo não lhe interessa.

— Resolveu aceitar o meu desafio como se eu tivesse lhe prometido alguma coisa, meu amor? Eu não sou o dono desse sangue que se espalha sobre o chão!

O estudo exato das leis físicas pode determinar que toda a história, registrada ou não, da humanidade e todos os acontecimentos anteriores traçam o modo como esse sangue vai se espalhar nesse chão, mesmo dentro de uma sala fechada.

— Já sonhou alguma vez que o chão desabava sob os seus pés? — disse o segundo estagiário para o outro homem vivo. A roupa dos estagiários era a mesma que a dos pacientes, mas cada estagiário tinha um crachá e em cada crachá havia a palavra ESTAGIÁRIO, e mais nada.

O paciente se levanta apavorado. Se afasta do ponto em que se encontrava.

— Pois debaixo desse chão há um outro chão que você deve encontrar — disse ainda o segundo estagiário. — A sala... não é mais branca, não! Não. Acabou. Então, se é assim, substitua a expressão ter medo pelo verbo desejar conjugado num presente contínuo que a todo instante se arremessa pra frente. — Ele abriu a porta, saiu e deixou a porta aberta. O paciente, apavorado, saiu. No corredor simulou toda a calma de um ocidental bem medicado e procurou um elevador. Desceu. Evitou todo tipo de olhar, mas ninguém olhava pra ele. Conseguiu chegar ao lado de fora. Como se caísse. E só então reconheceu o lugar. A rua paralela à rua onde tudo começou. As caixas de concreto de ar-condicionado, minadas de limo, pingavam. Um rádio distante tocava — *Eu te amo, meu Brasil, eu te amo* — e ele era seu corpo transformado em força e combustível e motor cego. Na rua, do lado de fora da tentativa ilegal de resgate da última instituição falida, vê o vento levar receitas e bulas e os cestos de lixo abarrotados de cartelas e caixas de remédio vazias. Ouvindo as risadas, os choros e os passos em tropel, ouviu que um povo marchava e percebeu que estavam todos loucos. *Ninguém segura a juventude do Brasil*. E aí seu coração

disparou porque uma mão nodosa agarrou o seu braço. “Estuprado duas vezes no mesmo dia”, pensou o paciente.

– Eu gostaria muito que o senhor me desculpasse – disse o estranho homem. José Airton Botão evitava virar o olhar e ver o homem, e perceber que ele não tinha rosto, e a voz parecia dizer alguma coisa assim: a voz parecia coada por pequenas folhas de vegetação rasteira. – Nunca mais vamos colocar os próprios pacientes como estagiários. Não se preocupe. Não vamos chamar o senhor pra testemunhar sobre nada. Sabemos que o senhor já tem problemas o bastante, sr. Escriba.

– Eu já fiz essa pergunta hoje a alguém e ninguém me respondeu – ele disse. – Mas pelo menos você fala. Quem é você?

– Olhe pra mim e talvez até se lembre.

José Airton Botão (a mão áspera e firme ainda agarrada ao seu braço, mas uma mão de consistência diferente da que teria um manequim de plástico que agredisse as pessoas sexualmente) se virou e reconheceu aquele rosto de madeira. Um homem igual, mal cobrindo de trapos o que se pensou que fossem as chagas de uma doença genética ou venérea, estava pedindo esmolas na outra rua, segundo os cálculos de José Airton, horas antes. Só bem depois lhe informariam que ele tinha passado dois dias inteiros diante de uma parede branca, pensando as mesmas coisas, até abrir a boca e dizer a primeira palavra. O homem, com a pele de madeira, se vestia como o dr. Pagnii e como o dr. Maír (não importa aonde fossem, eles sempre estavam vestidos de médico, e segundo relatos incertos de antigas amantes até na intimidade o fetiche de ambos era serem médicos), mas no seu crachá só constava a inscrição MÉDICO RESIDENTE.

– Vi uma pessoa muito semelhante ao senhor – José Airton disse. – Mas não se vestia tão bem nem parecia tão bem tratado.

A pele daquele homem era lustrada com óleo de peroba. “O autêntico cara de pau”, pensou José Airton. Afastado de informações e notícias, egoísta e urgente, ele não soube que A Peste tinha desenvolvido uma curiosa variante vegetal. Então, além de seres humanos que repentinamente adquiriam a característica de animais específicos, teria que lidar também com pessoas que se tornavam vegetais. No seu diário, inclusive, há uma antiga observação sobre o tema, que, como muitas, começa com uma frase completamente disparatada

que talvez ele planejasse utilizar em outro contexto ou o começo do raciocínio se perdeu em alguma página, permaneceu ilegível, ou se perdeu na própria memória antes que se tentasse preservar pela escrita: “Porque eu precisava sofrer. Parece a justificativa de todos os meus atos. Segundo os artigos científicos do dr. Porras, as coisas estranhas que têm acontecido são apenas os sintomas iniciais de uma nova normalidade. E o que em breve chamarão de A Peste será, mais tarde, a saúde. Mas eu não gosto da ideia de caranguejos me sorrindo. Sua saliva não para de borbulhar na boca e, quando falam, parece que estão gargarejando. Foi um tipo desses que, acho que sorrindo, me disse que eu era uma lenda. Mas eu sei que, mesmo muito orgulhoso de me conhecer e me apresentar aos seus, ele não gostaria de estar na minha pele. Prefere sua carapaça”. Pensei durante muito tempo a razão de ele não desenvolver a mesma desconfiança quanto aos vegetais, e quando analisei os fatos com mais calma encontrei uma resposta. O homem lhe explicou, antes de tudo, a sua aparição anterior:

– Era uma pesquisa de campo, sr. Escriba – ele disse. – Sociologia e linguística.

– Muito interessante. Mas, por que não larga o meu braço?

Ele enfim largou. – Desculpe. É que o senhor tem uma terrível fama de sempre querer fugir.

– O impulso é até saudável.

– Seus problemas vão acabar em breve. Quero dizer, os suspeitos foram pegos e agora basta que o senhor faça o reconhecimento. Depois vão voltar os seus problemas de sempre e o senhor vai ter que voltar a tentar vender livros inutilmente pra sobreviver.

José Airton se lembrou do Anselmo Caetano. “Pariu”, ele pensou: achou que tinha perdido o livro definitivamente e lembrou do seu valor sentimental e do seu improvável valor material. Mas ele apenas tinha esquecido o livro na delegacia. Em breve iria reaver o exemplar. Uma viatura parou ali perto e o homem conduziu José Airton por bem.

José Airton nunca tinha estado numa sala de reconhecimento. Achou que a sala com o vidro fosco era coisa apenas de filmes ou da realidade de países desenvolvidos, mas havia uma na delegacia. O detetive esperava, nervoso. Na

sala, ficaram o detetive, o médico de madeira e a vítima.

– Espero que a sua memória seja boa, sr. Escriba – disse o detetive, que tinha assimilado a linguagem dos médicos. – Porque vamos ter muito trabalho.

– Eu não tenho como esquecer algo como...

José Airton viu os suspeitos através do vidro. Todos eram iguais entre si e todos eram iguais ao estuprador. Os suspeitos traziam placas numeradas inúteis e pareciam ainda mais escuros sob uma luz violenta.

– Senhor detetive – ele disse.

– Eu sei o que você vai dizer.

– O que aconteceu com o mundo enquanto estive fora?

O médico de madeira pediu pra conversar com a vítima. O detetive se retirou. A vítima, espantada, não deixava de olhar pros suspeitos, mas reparou em algumas diferenças sutis entre eles: estavam todos nus, ou pelo menos era o que dizia sua silhueta negra, e em dois dos seis ele percebeu características femininas que descartavam completamente esses suspeitos. Um também era um pouco baixo e gordo. Havia diferenças sutis entre os três restantes, mas não o bastante pra distinguir eles entre si nem pra distinguir cada um deles do verdadeiro culpado.

– Muita coisa aconteceu, sr. Escriba – disse o médico de madeira. – E é por isso que precisamos urgentemente da sua ajuda. O senhor nunca pôde ser tão útil pra sociedade quanto pode ser agora.

– Eu nunca prestei pra nada. Quer tirar de mim o único orgulho que me resta?

– Você pode punir o seu agressor, de qualquer modo. Fazer justiça de acordo com a lei.

– Mas, doutor, tem dois problemas. Eu não posso saber quem ele é. Sou todos muito iguais. Tem uns três que eu tenho certeza que não podem ser. Mas o resto eu não faço a menor ideia. E tem outra. Eu não vou ser politicamente correto agora, doutor. Eu quero que ele sofra e quero que ele morra. Mas eu

preciso antes poder dizer quem é.

– Lamento, sr. Escriba. O seu senso colonial de justiça não vai poder ser executado.

– Porque naturalmente nenhum de vocês vai fazer isso.

– Não sei se faríamos, caso pudéssemos. Mas o fato é que absolutamente não podemos. É fisicamente impossível matar o que não está vivo.

– O que não está vivo? Ele parecia bem vivo enquanto me estuprava.

– O senhor não percebeu, sr. Escriba. O senhor foi estuprado por uma sombra.

A vítima ficou em silêncio um pouco. Afundou na cadeira. Tirou os olhos inquisidores dos olhos científicos do doutor (ele tinha olhos verdes e serenos) e olhou pras próprias mãos, relaxadas e impotentes, postas sobre os joelhos. Seus próprios dedos lhe pareceram vermes mortos e retorcidos. Inúteis. Depois ele olhou pros suspeitos, que esperavam, de pé, com as placas numeradas inúteis sobre aquela nudez negativa.

– E até onde eu saiba não é possível matar uma sombra – disse o doutor. – Nem distinguir perfeitamente uma sombra da outra.

– De quem são essas sombras então? Como elas conseguiram agir sozinhas? Toda sombra pertence a alguém.

– Partindo desse raciocínio, então, cada um de nós pertence a uma sombra.

– Sem filosofias, doutor. Eu mesmo começo a acreditar que realmente temos um problema. Aliás, eu tenho vários. Fui estuprado, segundo o senhor, por uma sombra. Depois que sair daqui não vou ter o que comer e não sei como vou pagar o meu aluguel. O senhor vem me dizer agora que cada um de nós pertence a uma sombra? Me pergunte a quanto tempo eu não sei disso.

– É mais fácil prender todas as sombras que se desgarraram dos seus donos do que comparar cada dono com sua sombra. Conseguimos capturar, por acaso, um dos donos. Um paciente em estado terminal por causa do consumo dessas porcarias ilegais que têm vendido por aí.

– Os refugos do Mautus Fidélis.

– Não insista nisso. Vamos nos concentrar no que pode ser resolvido. Mas tudo indica, realmente, que as sombras se desgarram em consequência do uso abusivo dessas substâncias. O paciente em questão foi comparado a uma sombra que conseguimos capturar e que mantemos em cativeiro. A princípio, todas as características são iguais e o paciente em questão também não tinha uma sombra própria. Tínhamos um homem sem sombra e uma sombra desgarrada, e além das características físicas gerais ambos apresentavam um comportamento semelhante. O problema é que o paciente, que é um corpo humano com limitações físicas, morreu. A sombra, apesar disso, continuou. E, apesar dos comportamentos semelhantes, depois de desgarrada a sombra, ela não dá satisfações aos seus antigos donos, embora possam acabar dando satisfação a alguém.

– Então o problema não pode ser resolvido.

– Não de uma maneira racional. Estamos diante de um fato que não conseguimos entender. Temos que adotar uma solução a altura. Você pode não acreditar, mas acho que conseguimos, enfim, capturar todas as sombras possíveis. E isso devido a uma queixa que o senhor fez. O problema é que são quinhentas e vinte e sete sombras.

– Querem que eu averigüe uma por uma até que se encontre um culpado?

– Não. Quero que o senhor declare que absolutamente todas elas agrediram o senhor sexualmente.

– O senhor quer que eu afirme que fui estuprado por quinhentas e vinte e sete sombras?

– Colocamos a soma em setecentas e noventa e duas pro caso de ainda haver sombras por capturar.

– Todas as sombras têm esse comportamento?

– Eu já lhe disse. As sombras seguem o comportamento dos seus donos originais, mesmo que se libertem. A sombra que agrediu o senhor não teve nenhum prazer sexual, apenas agiu de acordo com os instintos do seu próprio dono, que já pode estar preso pelo estupro de outras pessoas faz tempo.

Sombras são apenas sombras, não são inocentes nem culpadas, mas devem ser detidas. Além disso, temos a forte suspeita de que o principal fornecedor das substâncias de que lhe falamos, e que se tornaram uma epidemia no centro, conseguiu usar centenas dessas sombras, talvez todas, como informantes e agentes.

– Quer dizer que o que vocês querem pegar não é o meu agressor, mas os cúmplices do Mautus Fidélis.

– Não podemos dizer que se trate do sr. Mautus Fidélis.

– Conheci o Mautus Fidélis na época em que ele estava criando a primeira versão da substância.

– Mas não pode provar. A sua afirmação ia cair no vazio e você ainda pode ser processado.

O detetive bateu na porta. Abriu. Ele parecia suado apesar do ar-condicionado. Estava cansado e abatido. Provavelmente era ele que tinha se encarregado de deter cada uma daquelas sombras e era ele o encarregado de manter sob vigilância todas as quinhentas e vinte e sete apreendidas. – Sr. Escriba, sr. Doutor. Preciso dos senhores na sala de interrogatórios. – Os dois se levantaram e seguiram em silêncio. Sem que José Aírton Botão percebesse um homem se aproximou dele com o livro de Anselmo Caetano. José Aírton parou tentando entender, mas o livro, de centenas de páginas, estava com um marcador bem no centro. José Aírton, que sempre decorava as páginas em que abandonava as leituras, nunca usava marcadores. O homem mostrou o livro numa das mãos e, na outra, tinha uma nota de cinquenta. As olheiras do escrivão pareciam uma parte morta no seu rosto, e José Aírton quase se perguntou a que se devia tanto cansaço, mas o cansaço dele era ainda bem maior, tão grande que o próprio corpo ainda nem tinha sentido. Pegou a nota e prosseguiu. O doutor de madeira e o detetive esperavam numa porta. Já nem tinham mais força pra exigir urgências, embora todos quisessem que aquilo acabasse o mais rápido possível. Eles entraram. Diante da mesa, sob uma luz fortíssima, estava uma sombra sentada com os pulsos algemados. A sombra não virou a sua ausência de rosto pra nenhum dos presentes, mas falou com uma voz de sussurro, a sombra de uma voz. – Eu confesso – disse a sombra. Mas bem antes de ouvir a confissão o próprio José Aírton Botão, o sr. Escriba, a vítima, foi fulminado pela certeza: o culpado tinha sido encontrado.

– Sim, foi ele – disse José Aírton. A sombra ouviu e mirou pra ele, lentamente, o seu rosto. A sombra, dentro de si mesma, não revelava nenhuma expressão e nenhuma intenção que se pudesse identificar, nem culpa, nem indiferença, nem um injusto sentimento de vingança. Não era possível ver absolutamente nada. Era realmente uma sombra, uma sombra contra a qual não parecia ser possível fazer absolutamente nada, além de impedir que fosse a algum outro lugar.

O doutor de madeira olhou pro detetive.

– Obrigado, seu idiota – ele disse –, agora está tudo resolvido e temos um problema enorme, e ninguém pode nos ajudar. Se eu soubesse que o senhor fosse tão inteligente e que ia decidir pensar por si mesmo, eu nem sequer tinha me metido. As outras sombras vão ter que ser liberadas. Depois disso eu lavo as minhas mãos. O problema será todo seu.

– Doutor, não venha me ensinar a fazer o meu trabalho, se não quiser virar um palito de fósforo queimado.

– Ensinar? Nada disso. Parece que o senhor já sabe tudo.

– Não posso passar por cima da obrigação. O culpado confessou. A vítima reconheceu o culpado. O caso está resolvido. Se o senhor não quer me ajudar, é uma pena. O problema volta a ser só meu. Vou ter que vigiar quinhentas e vinte e sete sombras.

– Quer dizer – disse José Aírton de repente – que ele não é uma das quinhentas e vinte e sete sombras capturadas? Quer dizer que depois de tudo isso vocês mesmos não encontraram o culpado.

O detetive respirou fundo. – É isso mesmo, sr. Escriba. O culpado veio se confessar por livre e espontânea vontade minutos atrás, enquanto o senhor conversava com o doutor, embora eu desconfie que o homem que perseguimos, a pessoa de carne e osso que queremos realmente pegar, tenha articulado tudo isso pra que todos os seus cúmplices sejam soltos.

– O culpado confessou – disse o doutor de madeira –, mas o culpado é uma sombra. Podemos alegar que se trata de uma sombra perigosa e que por isso deve ser detida, como uma fera que fosse igualmente perigosa. Mas a sombra, apesar da forma humana, não tem um estatuto humano. Acho que não

preciso lhe lembrar disso, detetive. O caso vai abrir um precedente, leis especiais vão ser criadas pra dar conta da situação. Até lá pode ser que o senhor seja obrigado a liberar até mesmo aquele que se declarou culpado. Porque ainda não há leis que tratem sobre o assunto.

– O que o senhor quer que eu faça, doutor – disse o detetive. – Eu não posso passar por cima da lei.

O doutor de madeira se direcionou como uma flecha a José Airton. José Airton não parava de olhar pra sombra imóvel. Insistia. Procurava alguma coisa que não era possível encontrar. – Escriba – ele disse. – Só o seu testemunho pode resolver a situação. Se as sombras forem todas consideradas um perigo eminente, vamos ter o poder de não deixar que voltem às ruas. E podemos conseguir até um modo de eliminar todas elas.

A sombra levantou a cabeça e foi possível ouvir a sombra de uma respiração nervosa.

– Não me parece justo – disse José Airton.

– Não são pessoas – disse o detetive. – São sombras.

– Me deixa sozinho com a sombra – disse José Airton. – Me dá um revólver e me tranca aqui. Pode me processar depois porque atirei dentro da delegacia. Mas por nada mais. Não é uma pessoa, você diz. Apenas uma sombra.

O detetive olhou a vítima bem de perto e não pôde evitar sorrir. – Escriba, você não acha que a gente já tentou, inclusive desde que ele chegou aqui, pouco tempo atrás, e se declarou culpado? A materialidade deles é estranha. Eles podem ser detidos, no máximo.

– O que o senhor quer dizer?

O detetive sacou o revólver e disparou contra a sombra todo o tambor. A sombra, como todos os demais ali à exceção do próprio atirador, se assustou com o primeiro estampido, mas apenas por causa do barulho. As balas travessaram a sombra sem que a sombra parecesse se doer.

– Repare na parede ao fundo – disse o detetive, e José Airton reparou no estrago que centenas de descargas de revólver tinham provocado. –

Estamos tentando matar sombras faz horas. Essa e as outras.

– Espera – disse o doutor de madeira. – Esqueça o seu senso de justiça e de vingança. Você disse que tem problemas a resolver. Serão resolvidos, mediocrementemente, mas serão. Eu lhe ofereço uma refeição diária pro resto da sua vida e o pagamento dos seus aluguéis. Não posso lhe prometer mais nada.

José Airton olhava pra sombra envolta na fumaça dos tiros que se adensava, como a própria sombra, sob a luz forte. Ainda não conseguia ver nada. – O que vão fazer com as sombras, afinal? – ele perguntou.

– Vão permanecer detidas em algum lugar onde nunca mais haja luz – disse o doutor de madeira. – Pois apesar de desgarradas elas não perderam sua característica principal. Elas somem no escuro completo e reaparecem com a menor quantidade de luz. Não se preocupe. Eu vou avisar quando acontecer. Você vai ser informado de que tudo acabou.

José Airton Botão fez a acusação formal de ter sido sexualmente agredido por centenas de sombras e teve que se submeter ao árduo trabalho de reconhecer, sem realmente distinguir, cada uma delas nas filas que se apresentavam na sala de reconhecimento. Foi liberado e foi pra casa a pé, ainda com fome, mas a partir do dia seguinte as promessas que lhe foram feitas foram cumpridas: seus alugueis atrasados foram pagos e um entregador de marmita, de bicicleta, veio entregar o almoço e disse que já estava pago, e isso se repetiu no dia seguinte. E antes que o aluguel seguinte vencesse já se encontrava magicamente pago. Mas ele não recebia nenhuma mensagem: não tinha mais telefone e não dispunha de internet. Esperava que algum mensageiro viesse bater na sua porta do mesmo jeito que o entregador de marmita na hora do almoço sempre com o mesmo prato e uma garrafa de água mineral sem gás. Mas os dias passaram e nada. O jeito foi voltar a ouvir rádio e assistir a televisão no horário dos noticiários, e exatamente um mês depois ele teve a notícia ao meio-dia: devido a um escândalo sexual denunciado por uma vítima que naturalmente preferia ficar em sigilo, quinhentas e vinte e sete sombras desgarradas seriam trancadas num quarto iluminado, enquanto mais duas centenas continuariam a ser perseguidas. O quarto seria vedado, todas as lâmpadas seriam apagadas e o quarto seria completamente preenchido de cimento. A execução da obra monumental e absurda estava marcada pra começar às cinco da tarde daquele mesmo dia. Mas era necessário que se utilizasse um espaço bem maior do que um quarto, como pensado

originalmente, e o lugar escolhido foram as dependências abandonadas da Câmara dos Crânios, no começo da Bezerra, dormitório dos funcionários efetivos do Instituto Pangloss do Brasil. As portas e janelas já tinham sido tampadas com tijolos pra evitar que tarados brutais estuprassem crianças e adolescentes, como vinha acontecendo, e que os viciados miseráveis fossem se drogar ali. O trabalho tinha que ser constantemente refeito, mas o acimentamento total do interior acabava resolvendo dois problemas de um golpe só.

Às cinco horas da tarde, José Aírton Botão estava entre os curiosos que esperavam assistir aquela que parecia a mais desnecessária das obras urgentes, o extermínio de mais de cinco centenas de sombras desgarradas. Ele sabia quem também estaria ali e sabia o que perguntar. O doutor de madeira, a paisano, porque não era tão rígido no vestir quanto o dr. Maír e o dr. Pagnii, não se aproximou dele, mas não fugiu quando ele se aproximou. O doutor de madeira, cujo nome civil verdadeiro José Aírton nunca logrou saber, também esperava aquele encontro e sabia a pergunta que ia ouvir.

– Olá, doutor – disse José Aírton. – O que foi que deu errado?

– Nada deu errado, Escriba. Tudo está correndo muito bem.

– Não exatamente tudo. Quinhentas e vinte e sete sombras foram apreendidas. E uma se apresentou por conta própria e se declarou culpada. E a imprensa falou em apenas quinhentas e vinte e sete sombras, apenas o número original.

– Bem, Escriba. Tivemos um problema. E uma das sombras fugiu. Lamento informar. É realmente a sombra que você imagina.

– A sombra que me estuprou.

– Continuamos em busca. O problema é que acidentalmente alguém apagou e acendeu a luz. A sombra desapareceu e quando deram fé reapareceu já sem algemas e resolveu fugir. O que é muito estranho se você considerar que foi a própria sombra que se entregou. Mas se a natureza humana já é difícil de explicar avalie a das sombras.

– A sombra pode fazer outras vítimas.

– Se mais vítimas aparecerem, concretizamos as sombras como perigo

geral e irrestrito. E, bem, eu sei que é pouco. Mas graças a isso o senhor terá uma refeição por dia e nunca mais vai precisar se preocupar com moradia.

– Eu não preciso lhe dizer que é bastante pouco.

– Eu sinto muito. É realmente tudo que podemos fazer pelo senhor, mas somos realmente muito gratos.

– Quer que eu acredite que o senhor sente muito e que se sente grato?

– Não espero muita coisa de um paciente desobediente, sr. Escriba. O senhor é perspicaz demais, mas não percebeu que na sua posição isso adianta muito pouco. Da minha parte posso dizer que estou mais tranquilo. O meu trabalho foi feito. Preciso ir agora, senhor. Imagino que nunca mais queira me ver. Embora eu não tenha nada contra o senhor, espero realmente que não seja necessário um encontro futuro. Mas os seus cabelos estão mais bonitos agora.

José Airton, sobretudo depois de envelhecido, tinha por si mesmo uma indiferença quase monacal. Já tinha se acostumado com a calvície torta e não se preocupava mais com os cabelos, mas depois do que o doutor de madeira lhe fez aquele elogio inusitado ele passou a mão pelo que um dia realmente tinha sido um couro cabeludo e sentiu estranhos pelos grossos que pareciam explodir na ponta em formas mais complexas e de calibre maior ainda. Arrancou um e se assustou com a dor imensa. Quando percebeu tinha arrancado da cabeça uma flor tímida e sem graça de plantas rasteiras. Fechou a flor no punho e continuou o seu caminho de volta: “eu também estou com a peste”, pensou. Grandes caminhões traziam grandes quantidades de cimento que iriam ser depositados no prédio vazio. Era um programa besta, pra meninos que se impressionam com o mundo dos adultos. Continuou o seu caminho, rapidamente conformado com o fato de que iria se tornar um homem com características de vegetal, como o próprio doutor de madeira. “Melhor do que ser uma sombra sem homem ou um homem sem sombra”, ele pensou. Mas ao atravessar uma rua e evitar a luz dolorosa de um sol gigante que se revelava de repente olhando pro outro lado ele não pôde deixar de tomar um grande susto: sua própria sombra alongada se projetava na pista numa esquina da Bezerra de Menezes com uma rua sem importância.